O IMAGINÁRIO E O QUOTIDIANO CABO-VERDIANOS
NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE JORGE BARBOSA

ANEXOS

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz

Tese de Doutoramento em Estudos Portugueses, especialização em Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Ana Maria Mão-de-Ferro Martinho Carver Gale e co-orientação da Professora Doutora Maria do Rosário Pimentel.

MARÇO DE 2013
À memória de Jorge Barbosa e Elsa Rodrigues dos Santos.
ÍNDICE

ANEXO I: ARTIGOS E DUAS ENTREVISTAS

Doc. 1. Eugénio: tópicos de uma monografia .................................................. i
Doc. 2. Variações: algumas palavras sobre o nosso problema cultural .................. ii
Doc. 3. Variações: escrever bem .................................................................. iii
Doc. 4. Variações: imprensa caboverdeana .................................................. iv
Doc. 5. Indolência Caboverdeana .................................................................. vi
Doc. 6. Mesa Redonda Sobre o Homem Cabo-verdiano ....................................... ix
Doc. 7. Uma Tarde Com Jorge Barbosa ............................................................ xiv
Doc. 8. O Ambiente Literário Cabo-verdiano e A Influência Brasileira Segundo o Poeta Jorge Barbosa .......................................................... xvii

ANEXO II: CARTAS .................................................................................. xix

Doc. 1. Uma Carta ao Augusto Miranda ............................................................ xix
Doc. 2. Carta de Jorge Barbosa a José Osório de Oliveira e Baltasar Lopes .......... xx
Doc. 3. Carta de Jorge Barbosa a José Osório de Oliveira ................................. xxii
Doc. 4. Carta de Jorge Barbosa ao Secretário do Presidente do Conselho ............... xxiii

ANEXO III: CRÔNICAS DE S. VICENTE .................................................. xxvii

Doc. 1. Porto Grande: velho tema .................................................................... xxvii
Doc. 2. O Transatlântico Vera Cruz ................................................................. xxix
Doc. 3. Santa Cruz em Salamansa, Ainda o Porto Grande e Serviços ................... xxxi
Doc. 4. Comemoração de Camões, Acontecimento Desportivo e A Propósito de Uma Notícia ......................................................... xxxiii
Doc. 5. O Porto Grande e a Shell ..................................................................... xxxv
Doc. 6. Homenagem ao Governador da Província, Radiodifusão em S. Vicente e Inauguração de Um Parque Para Jogos ................................................. xxxvi
Doc. 7. 102 Mil Contos, Música & Músicos de S. Vicente e Carta Para Jorge Barbosa .......................................................... xxxviii
Doc. 8. A Propósito de Uma Carta, Nada Aqui Acontece, Serviços e Navegador Solitário ................................................................. xli
Doc. 9. Ecos da Chuva e Mar Novo ................................................................. xliii
Doc. 10. Véspera do Natal, Notas Sobre Januário Leite e Depois das Chuvas ........ xlv
Doc. 11. Nós e Gilberto Freyre e Registo ......................................................... xlvı
Doc. 12. Funcionários da Shell no Mindele e Ti Lopes ....................................... xlvıii
Doc. 13. O Caboverdeano e o Mar e o Caboverdeano e a Árvore .................... xlx
Doc. 14. A Propósito de Uma Palestra ............................................................. i
Doc. 15. Resposta a Um Artigo ......................................................................... ili
Doc. 13. O Caboverdeano e o Mar e o Caboverdeano e a Árvore..............................................xl ix
Doc. 14. A Propósito de Uma Palestra......................................................................................i
Doc. 15. Resposta a Um Artigo ..............................................................................................i i i
Doc. 16. Cabo Verde e o Plano de Fomento ............................................................................i i i
Doc. 17. Ainda a Propósito de Uma Palestra, Notas Sobre a Instrução Primária em Cabo
        Verde, Transatlântico Santa Maria e Chuvas ..................................................................i v
Doc. 18. Os Nossos Barquinhos e Uma Antologia, ou Talvez Não ........................................i v i i

ANEXO IV: POEMAS...............................................................................................................lx

Doc. 1. A Ilusão .........................................................................................................................lx
Doc. 2. Crioula ............................................................................................................................lx i
Doc. 3. Carta Escrita Em Verso .................................................................................................lx ii
Doc. 4. Cantares Crioulas .........................................................................................................lx iii
Doc. 5. Carta a João Lopes .......................................................................................................lx iv
Doc. 6. Canção a Um Desconhecido .........................................................................................lx v
ANEXO I: ARTIGOS E DUAS ENTREVISTAS

Doc. 1. Eugénio: tópicos de uma monografa

EUGÉNIO
(Tópicos de uma monografa)

Era um vendaval neste instante de concepção, neste instante em que se nasce. Viram fotografado na realidade dos meus pensamentos: a criança na queimada, a indumentaria descuidada, o cabelo mal pentead, teimosia, a aspereza, a alma. As duas defesas de uma antiga, o desencanto, o descompasso... Os seus olhos, os seus olhos vivos, de criança de Poeta, estão em frente dos meus. As lágrimas que na cabeça estavam, nas encostas de uma calçada, na beira de um rio,說明, no mar, no solo, no céu, na natureza, no homem, na paisagem, na cidade. E que vai restar alguma palavra que qualquer incidente tequece com...?

Ninguém como Ele fez tão expressão como tipo de uma raça, ninguém como Eugénio viveu tão intensamente pela sua terça. Ninguém pode inculcar com Ele que jovem artesão de caboverdianos.

E ver na obra que defront, disperso pelos francas, pelos poetas, pelos jornais, pelos filmes, pelos discos, é como cantar e dançar, com a sua adoração a terça de Cabo Verde, e o seu amor desvendado a gente de lombo, aos tempos de lombo e folc, desenvolvido na estupenda e magnífica do passado, cantado no verso crioulo do trovador, nas horas de romantismo, no folc ladeiro, com a sua dedicação a terça de Cabo Verde...

Jorge Barbosa

In Noticias de Cabo Verde, S. Vicente, A. 1, n.° 6 (31 Maio 1931), p. 2.
Variações

Algumas palavras sobre o nosso problema cultural

Em nenhuma outra parte como em Cabo Verde tem pensado tão pouco... Sófremos quase todos de um mal de pensar que nos faz dar poucos trabalhos de raciocínio. E para essa nossa preguiça mental talvez o clima muito contribua.

Este nosso estado de inapropiação aos problemas vivos do pensamento não significa que não tenhamos um esco de pessoas capazes de pensar ou que as nossas possibilidades intelectuais sejam reduzidíssimas. Pelo contrário: até creio serem tais possibilidades apreciáveis.

O que é pena é não se aplicarem em atividade permanentemente; o que é pena é esse esco não se manifestar, seja raro, em operações lógicas e de descoberta, de modo a deixar alguma causa de espanto.

Não pretendo que surjam (porque estou acostumado) gênios de entre nós. O que eu queira é que o esco da nossa intelectualidade aparecesse e se pronunciasse, pois fosse desse exemplo constante de motivos espirituais e interessantes.

Quem fosse, na realidade, que pudesse ser: contribuinte do processo cultural de Cabo Verde.

É claro que esse esco, que se digo em provisão formalísticas, porque se têm publicado os Arquipélagos na nossa atualidade não tiveram como de merceirlião a gente. Mas poderia aparecer em seguida.

E urgente, portanto, que a nossa mocidade intelectual acorde e reaja de facto para viver a vida da sua inteligência, para viver a sua força e iluminar o caminho da sua passagem.

Jorge Barbosa

In Ressurgimento, Santo Antão, A. 1, n.º 11 (1 Set. 1934), p. 5.
Por cá, no nosso Arquipélago, a maioria toma por escrever bem as habilidades estilísticas, a arrumação da verborreia, de modo a produzir elegância, sonoridade e lançamento no papel.

Quanto mais palavreado bonito houver, quanto mais gramática, lôr aproveitada, maior será a sensação oferecida por quem escreve. Então os "apreciadores" da prosa-modelo ficam em extasiados admirativos e as adjectivações vêem dinitivas, ao que lhes souberem cherer os olhos e os ouvidos de "boa prosa" é dogmática glorificada.

Ora, escrever com a preocupação de alardear conhecimentos da língua, quantas vezes especificos! deixando tinturarias prosódicas sobre o papel, sem que a menos de todo o conjunto caita sobressaiam três dedos de ideias (dedos postos em posição horizontal); escrever para que os ouvintes vejam em vez de sentirem ou descobrem, um concepto posto em evidência, sem que o leitor, algo encontre que lhe faça meditar ou lhe traga qualquer utilidade ao espírito; escrever, para mostrar possibilidades lexicográficas e estilísticas (tão facetas de atingir), em vez de se mostrar em coisas gratas à inteligência e à sensibilidade que o leitor possua; escrever com superabundância e respectáveis predicados prosódicos, mas com minguantes parcelas de ideias-isto, confesso, não é escrever bem.

O que digo com relação aos nossos cultores de escrita também vai para os nossos cultores de oratória, salvas, nos dois casos, certas exceções.

O defeito que a maioria da nossa gente tem de se embabacar ante uma dessas prosas substanciosas com que é costume depare-se é um defeito que revela o nosso estado de atraso cultural e até da nossa educação em balsamada de velharias e inúteis tradições... Vivemos com os olhos no passado, e mandado o ritual ainda orientador dos nossos hábitos e preconcebimentos.

Pois bem: se com a prosa se fotografam os costumes, as intenções, a temperatura, enfim, de um povo, gostando nós tanto dela quando é teórica e passadista, reflectindo-nos nela, e denunciamos o atraso em que vemos na civilização.

Essa falsa concepção de "escrever bem", já de há muito posta de lado, por cá tem vida segura. É, portanto, objeito de meriditória procurar mostrar ao nosso público leitor, que pessoal é reduzido, que o escrever bem não está na construção gramatical perfeita nem no estilo invulnerável general acadêmico, abandonado aos nomes de nossos profetas. O escrever bem está em saber desenvolver as nossas ideias, com clareza e com gramática, é certo, com elegância mesmo, mas tudo isso equilibradamente e decotamente; querer dizer: sem dicutir...

Fioje evitou o escrito se nosso porque a sua época lhe foi. A preocupação que quem escreve é a preocupação que vai além do expurgado formalismo literário porque o que se tem em mira é agitar problemas que ressoam na realidade e esse convencem-nos não se esse tem bem na idumentária palavreada conselheiros da gravé, que lhes faz morrer de asfixia...

A ideia, meus caros pais, deseja ar, vestimenta leves.

Do que digo interesse que há necessidade de fazer esboçar o nosso nível intelectual, devendo, para tanto conversar com a escrita de ideias. O de se exercitar, pois, que a vocação de se levante, transforma, na "prosa, as novidades e os seus pentamentos, contagiando assim o resto, benéfico e caminhos de sanção, de ritual.

Falo da modéstia porque ela, com o seu espírito combativa a que está apta a operar esse quasis lagre, se atendermos à modéstia, e até à hostilidade que uma empreza dessas contradaria no nosso meio.

Jorge Barbosa

"Os detratores não tendo mão para fazerem obra em suas, têm linguagem para caluniarem as alheias".

Duarte Nunca de Leão

Variações
Imprensa Caboverdiana

Periódico que merecesse o título de porta-voz de uma renovação, pelo seu intuito educativo, portanto reformador também dos nossos costumes e do nosso cívismo tão deficientes vistos em conjunto; periódico, pois, que justamente merecesse tal honra não o houve até agora, se estou certo, em C. Verde. Pouco, portanto, tem sido o esforço da nossa imprensa, no sentido do aperfeiçoamento moral e intelectual do nosso meio.

Temos tido algumas fólias que por vezes veem à luz da leitura e depressa morrem ingloriaamente, isto é, sem terem vivido uma vida que, embora efêmera, deixasse de si lembranças fortes, exemplos úteis e caminhos abertos.

O mal desses semicários e quinzenários é um mal que tem origem na nossa psicologia sentimental de gente estacionada, de gente cuja preocupação dominante e não tocar nos endentados, no que está acomodado, arremado no seu lugar e arrastando-se burguesmente no giro prejudicial da rotina.

O mal-insisto nele—que tem acompanhado a quasi totalidade das fólias cabo-verdianas (as excepções diárias ao cuidado do leitor) manifestase, também, em outras preocupações não menos dominantes: no elogio afecteado e sistemático de Beltrãos e de Cricianos, tudo isso numa espécie de cornucopia de rótulos ludatórios, sem sinceridade e muitas vezes escandalosos...

As personalidades em destaque vêm sendo as vítimas maiores dos encômios mais insistentes e mais ralhadoras dos nossos periódicos. Tão numerosos são tais encômios, tão falhos, por isso, da noção do bom-senso, que, de quanto em quando, até perdemos o equilíbrio da decência. (¿É quem sabe se não chegou a arrepelar desagradavelmente os destinatários?)

Ora, a importância das pessoas de destaque não está apenas em relação ao seu grau burocrático e social; está, principalmente, em relação ao que fazem e realizam dentro da sua esfera. Daí os elogios de caráter pessoal devem ser discretos e circunscritos, para serem por ventura dilatados os que se destinam a fazer justiça ao mérito posto em evidência por via de operações úteis, materiais e morais.

¿Qual seria, em síntese, a leição de um periódico de que necessitamos?

Antes de mais nada devia adquirir uma atitude de análise e de crítica aos problemas que interessam o arquipélago e a humanidade. Criticar não é só apontar os erros e os acertos; não é só corrigir aqueles e aplaudir estes. Vai mais além a função da crítica porque também pode servir para doutrinar e orientar. Tudo isso sem impetos desnecessários, que provocam resentimentos; sem abusos de linguagem, que originam sensações pessoais de nenhum proveito, para dizer melhor: sem se desvitrurar o hilo da imprensa que deve ser pacificadora e correcta para ser profíqua e bela.

Devia ter o periódico uma intenção defendida: educar e publicar as cidades e as velharias e avançar na saudável esfera com os exemplos da civilização.

(Continua na 2ª página)
Variações
Continuação da 1ª página

A característica de um jornal nosso não seria de reconhecimento regionalista, mas, antes, de desprendimento e universalidade. O que não significaria que os nossos problemas devesssem perder o interesse privativo regional.
Seria a lôbola arena sempre aberta a todas as discussões momentâneas, contanto tivessem elevação e ideias a consensuarem. Ao mesmo tempo: preocupa-se-nos com o que se passa aqui e se interessaria com o que se passa ao largo, de onde nos chegam os elementos do nosso aperfeiçoamento moral e cultural.

Recapitulando: um periódico que nos fosse de facto aproveitável seria aquele que, libertando-se das normas burguesas, pugi-nasse com firmeza pela nossa reforma espiritual, intelectual, cívica e material e nos trouxesse aos olhos os panoramas da época com as suas novidades.

Aqui deixo estas palavras, como se fossem votos, ao simpático grupo do "Ressurgimento."

Jorge Brásara

__In Ressurgimento, Santo Antão, A. I, n.º 14 (1 Dez. 1934), pp. 1-2.__
Indolência cabo-verdeana

Apontamento lido na segunda Mesa Redonda, realizada na cidade do Mindelo, em Julho de 1906

Indolência cabo-verdeana.

Eis, não um problema, mas apenas um caso, variadíssimas vezes trazido à baila das discussões.

Mas existe a apregoada indolência cabo-verdeana?

Na verdade, confesso-o, parece, algumas vezes parece, que essa indolência existe, e a avaliar de certos flagrantes de abandono físico e de poupança nos movimentos e nos esforços, que aqui e ali surpreendemos na população — melhor, em alguns indivíduos da população.

Permita-se-me, antes do mais, uma rápida digressão, na qual procurarei, sem alargar pormenores e sem entrar nos domínios da Economia Política, dizer o pouco que sei ou que entendo do trabalho como auto-obrigatoriedade, como estímulo e até como sacerdócio e finalidade.

A) o trabalho, primeiramente, é uma obrigatoriedade que a nós mesmos nos impomos: implica com a nossa sobrevivência; neste caso é luta quotidiana e surge como que em consequência de um anátema bíblico; lá estão as clássicas frases «ganharás o pão com o suor do teu rosto», «comerás o pão que o diabo amassou», etc.;

B) o trabalho resulta, uma ambição: com ele procuramos a melhoria da nossa situação económica e financeira, e, assim, é um meio para adquirirmos, mesmo além das nossas necessidades elementares, o com que possamos tornar a vida para nós o mais confortável possível; é ambição ainda, e sobretudo, quando tem em mira a acumulação de riquezas;

C) o trabalho é sacerdócio; lembro agora a acção missionária dos que, de há séculos, com sacrifício ou não da própria vida, teimaram e teimam — e quantas vezes o conseguem! — levar aos corações mais distantes a palavra confortadora de Cristo; lembro os homens verdadeiramente abnegados, os homens de ciência e quantos outros que altruisticamente dedicam os seus esforços, as suas vigílias, a sua inteligência, ao bem da humanidade.

Em qualquer dos casos vemos que o trabalho necessita de estímulo. A defesa, pois, da nossa sobrevivência, a ambição, o progresso e o bem do homem são estímulos do trabalho.

Mas, principalmente, o grande, o insígnio estímulo do trabalho é a sua justa retribuição pecuniária.

Posto isto, vejamos o caso do simples homem trabalhador destas ilhas. Vejamos o homem da terra, tão chela, por vezes, de surpresas e desesperanças, o carregador, o poleiro, etc.; vejamos o homem dos nossos mares, o marinheiro dos nossos frágeis veleiros, o pescador, o cataraio do Porto Grande, etc. Que o seu estímulo pecuniário em relação ao esforço que despandem? Não vale a pena estimar a média...
de tão escassos proveitos. Qual a certeza do seu futuro? Um seguro social para a velhice? Um retiro para quando chegar a invalidade? Onde estão eles?

Que estímulo pode ter o homem pobre da nossa terra para o seu trabalho? O único será o da sobrevivência. Mas este quantas vezes não fica anulado por um germe de silenciosa revolta que reside no fundo das almas?

Deste modo, o se de facto existisse a apregoada indolência cabo-verdeana, poderíamos talvez explicá-la simplesmente com a falta de estímulo, quase total, que afecta como uma fatalidade (corrigível entretanto) a vida das mais humildes classes trabalhadores do arquipélago.

Mas continuo perguntando: existe verdadeiramente a tão falada indolência cabo-verdeana?

E o esforço e a canseira daqueles nossos marinheiros e pescadores, daqueles nossos homens da enxada? E a actividade dos homens das nossas marinhas?

E dessa labuta do dia a dia das mulheres do povo, percorrendo longos e duros caminhos, num vel e vem porfiado, com cargas pesadas à cabeça (produtos agrícolas, lenha, bosta até, este dejecto animal que é também combustível nos lares desamparados)?

E o trabalho das crianças? As crianças pobres também carregam, também trabalham, mais do que brincam. Só por el já é trabalho esforçado o percurso diário da infância rural cabo-verdeana por quilómetros multiplicados de chão áspero e abrasante, a caminho e no regresso da escola, com o estômago vazio.

Mas existe a falada indolência cabo-verdeana? Não haverá mais do que a ausência do estímulo do trabalho?

Insisto neste ponto do meu apontamento.

Vejam o exemplo das carregadeiras do calç de S. Vicente, quando transportam sacos de farinha. Sacos de farinha também é um exemplo. A retribuição deste trabalho normalmente é por volume transportado. Poucos testes, muito poucos, por cada um. E elas lá vão, num formigueiro humano, veloz e impressionante, levando o carregamento para os armazéns da Alfândega ou para os dos comerciantes. E voltam, sempre correndo, para levar mais e mais sacos à cabeça.

O estímulo da actividade que desenvolvem tão exaustivamente não será a retribuição pecuniária em si, bem irrisória, mas a possibilidade de multiplicarem os poucos testes que recebem por cada percurso. Mesmo assim, no fim do dia fatigante, quanto teria recebido cada uma das carregadeiras?

Mas haverá a falada indolência cabo-verdeana?

Mas haverá a falada indolência caboverdeana?

Meus amigos se toparem com alguma caboverdeano a tirando a sombra de qualquer árvore frondosa, em largada sonora, não o acor-
dem; se o virem na praia, diletado no fundo de um bote, como se se trataisse de simples rede de repouso, deixem-no em paz; se passarem por um grupo entretido em bica da marinha, não incomodem nin-
guem. São momentos de todos nós, em todas as latitudes.

Se determinado trabalho que se está executando, construção, sementeira, transporte, não dá rendimento, se o pessoal acusa com certa moleza, antes de se pensar na pagação não será demais um exame de consciência no qual o factor salário entre em apreciação.

Mas existe a falada indolência caboverdeana?

E esses milhares de insignificantes lavradores, sem posse para o recrutamento dos jornaleiros, trabalhando sózinhos, auxiliados apenas pela família, pelo amanha da nasga de terra que possuem, nas regas, na guarda das hortas, de dia e de noite, sem contar com o carrega-
mento dos minquedos produtos que eles mesmos têm que fazer para o mercado distante?

Antes de se falar na apregoada indolência caboverdeana, é me-
lhorencar primeiro a presença de uma passividade resistente, talvez
instintiva, surgindo em contraposição a insuficiência dos salários.

—Meus Senhores, a indolência caboverdeana...

Eu não creio nela.

Jorge Barbosa

Cabo Verde

Mesa redonda sobre o homem cabo-verdiano

SUMÁRIO — A indolência cabo-verdiana é fruto do clima e do tipo de alimentação, ou consequência de uma danação de ventura?

JORGE BARBOZA: Eu preferi escrever um apontamento sobre o que quero dizer. As minhas considerações são consequência da minha experiência, talvez longa e muito sentida, da vida cabo-verdiana. Seriam uma opinião muito pessoal.

Indolência cabo-verdiana.

Esta não um problema, mas apenas um caso, variadas vezes traído à baila das discussões?

Mas existe a apreensão indolência cabo-verdiana?

Na verdade, confesso-o, parece, algumas vezes parece, que sua indolência existe, a avaliar de certos flagrantes de abandono físico e de poupança nos movimentos e nos esforços, que aqui e ali surpreendem na população — melhor, em alguns indivíduos da população.

Permita-me, antes de mais, uma rápida digressão, na qual procuro ver, sem alargar pormenores e sem entrar nos domínios da Economia Política, dizer o pouco que sei ou que entendo do trabalho como auto-obrigatoriedade, como estímulo e até como acrêndio e finalidade?

a) O trabalho, primeiramente, é uma obrigatoriedade que a nós mesmos nos impúnhamos: implicava com a nossa sobrevivência; neste caso é toda quotidiana e surge como que em consequência de um ânima bíblica; lá estão as clássicas frases ‘ganhadores o pão com o suor de seu rosto’, comemora o pão que o diabo amassou, etc.;

b) O trabalho resultou uma ambição: com ele procuramos a melhoria de nossa situação econômica e financeira, e, assim, é um meio para adquirirmos, mesmo além das nossas necessidades elementares, o com que possamos tornar a vida para nós o mais confortável possível; é ambição ainda, e sobretudo, quando tem em mira a acumulação de riquezas;

c) O trabalho é acrêndio; jembo agora a acção missionária dos que, de há séculos, com sacrifício ou não da própria vida, teimaram e teimam — e quantas vezes o conseguido — levando consigo mais distantes a palavra confortadora de Cristo; jembo os homens verdadeiramente abençoados; os homens de ciência e quantos outros que altruisticamente dedicam os seus esforços, as suas viúvas, a sua inteligência, ao bem da humanidade.

Em qualquer dos casos vemos que o trabalho necessita do estímulo. A defesa, pois, da nossa sobrevivência, a ambição, o progresso e o bem do homem são estímulos do trabalho.

Mas, principalmente, o grande, o incontestável estímulo do trabalho é a sua justa retribuição pecuniária.

Porto sete, vejamos o caso do simples homem trabalhador destas ilhas. Vejamos o homem da terra, tão cheio, por vezes, de surpresas e desesperanças, o corregedor, o pedreiro, etc.; vejamos o homem dos nossos marés, o marinheiro dos nossos frágeis celeiros, o pescador, o caixeiro do Porto Grande, etc. Qual o seu estímulo pecuniário em relação ao esforço que despendem? Não vale a pena estimar a média de tão escassos proveitos. Qual a certeza do seu futuro? Um seguro social para a velhice? Um restos para quando chegar a avançadas? O que é isso então?

Que estímulo pode ter o homem pobre da nossa terra para o seu trabalho? O único será o
da sobrevivência. Mas este quantas vezes não foi anulado por um grito de silêncio ou revolta
que ressoa no fundo das almas?
Deste modo, e se, de facto, existisse a semipuida indolência cabo-verdiana, poderia-
mos talvez explicá-la simplesmente com a falta de estímulo, quase total, que afecta como
uma fatalidade (corrigível entretanto) a vida das nossas humildes classes trabalhadoras do ar-
quipesão.
Mas continuo perguntando: existe verdaderamente a tão falada indolência cabo-ver-
diana?
E o esforço e a canção daquelas nossas marinheiros e pastores, daquelas nossos
homens de marada? E a actividade dos homens dos nossos marinhos?
E essa labuta dia a dia das mulheres do povo, percorrendo longos e duras cami-
hães, num vasto porfírio, com cargas pesadas às cabeças (produtos agrícolas, lenha, bone
até, este defeito anual que é também combustível nos terras desamparados)?
E o trabalho das crianças? As crianças pobres também carregam, também trabalham,
mais do que brincam. Só por si já é trabalho esforçado o pobre diabo da infância rural
cabo-verdiana por quilômetros multiplicados de chão áspero e abrasante, a caminho e no
regresso da escola, com o estômago vazio.
Mas existe a falada indolência cabo-verdiana? Não haverá mais do que tudo a au-
tência do estímulo do trabalho?
Inclino neste ponto do meu apontamento.
Vejam o exemplo das carregadeiras do cais de S. Vitente, quando transportam sacos
de farinha. Sacos de farinha também é um exemplo. A retribuição deste trabalho normal-
mente é por volume transportado. Poucos tostões, muito poucos, por cada um. E elas lá
vão, num formigueiro humano, velas e impressionante, levando o carregamento para os ar-
marinhos da Alfacinha ou para os dos comerciantes. E voltam, sempre correndo, para leva-
rem mais e mais sacos à cabeça. O estímulo da actividade que desenvolvem tão examina-
temente não será retribuição pecuniária em si, bem irritante, mas a possibilidade de multipli-
carem os poucos tostões que recebem por cada percursos. Mesmo assim, no fim do dia fati-
gante, quanto teria recebido cada uma das carregadeiras?
Mas haverá a falada indolência cabo-verdiana?
E esses milhares de nossos emigrantes espalhados pelos nãos e pelos recantos da
terra? O que fazem la fora? Vida aposiável de turista, com sinalário da Cook na aldeia e
Kodak à frente? Não. Pecarem-nos, mesmo que for na imaginação. Neste momento
talvez se encontrem no leme de algum carregueiro, enfrentando os temporais do Gulf Stream,
ou lá bem no fundo do mar, suportando o calor infernal das formalinas. Talvez se encontrem nos campos da Califórnia lavrado a terra fértil dos estrangeiros, quer seja solo (o solo daqueles lados é menos violento do que o nosso), quer seja água, (mas se grego por ali é mais fértil que o nosso), a água que chega ao porto de Buenos Aires ao serviço pesado do estivio. Talvez nos deporrem com ele, água e sol pelo mundo, lavando pela existência, contente também, gozadores da vida e do amor nos momentos de folga.

Mas haverá a falada indolência cabo-verdiana?

Meus amigos, se toparem com algum cabo-verdiano estritamente a sombra de qualquer devoreiro frento, em largada soneca, não a acordem; se o virem na praia, deixado no fundo de um bote, como se se tratasse de simples restos de repouso, deixem-no em paz; se passarem por um grupo entretido em beicada barulhenta, não se incomodem ninguém. São momentos de todos nós, em todas as latitudes.

Se determinado trabalho que se está executando, construção, sementeiro, transporte, não der rendimento, se o pessoal actua com certa moléstia, antes de se pensar na pregoa não será demais um esconsto de consolência ao qual o factor salário entrou em apreciação.

Mas existe a falada indolência cabo-verdiana?

E esses milhares de insignificantes lavradores, sem posses para o recrutamento dos fornalheiros, trabalhando esbofes, anualizados apenas pela família, pelo amanhã da noite de terra que possem, nas repas, na guarda dos hortas, de dia e de noite, sem ouvir com o corregamento dos ninguém produto que eles mesmos tem que fazer para o mercado distante?

Antes de se falar na apregada indolência cabo-verdiana, é melhor procurar primeiro a presença de uma possibilidade resistente, talvez insólita, surgindo em contraposição à insuficiência dos salários.

Meus senhores, a indolência cabo-verdiana...

É tão cruel vida.

Augusto Miranda: Alguns metropolitano me têm dito que a apregada indolência cabo-verdiana é uma lenda e que, por exemplo, em Santiago os trabalhadores trabalham dez vezes mais do que deviam. Eu lhe digo, numa obra sobre O futuro do rancho brasileiro, que o italiano e o irlandês na Europa têm pouca produção, mas vão para a América e passado pouco tempo são tão ativos e laboriosos como os americanos, porque a alimentação é outra. Em Santo Antão, e aqui, dissem, e também na ilha... o saco vai não se põe em pés...

Balcaras Lopez: Eu concordo com o que disse o Jorge Barbosa e o Sr. Miranda. Suponho que o problema da indolência, a insatisfação individual do cabo-verdiano para o trabalho é um problema que hoje abraçam ninguém põe ou, melhor, que ninguém discute. Conheço muito bem esses fados: o fado do estudante, o fado do soldado. Agora a Sr. Dr. Almeida. Lessa põe o problema em termos talvez mais concretos, da indolência coletiva, e parece-me que é essa indolência que nós precisamos de considerar.

Júlio Monteiro: O Sr. Dr. Almeida Lessa, para demonstrar a sua afirmação...

Almeida Lessa: A minha pergunta.

Júlio Monteiro: A sua pergunta sobre a indolência, citou vários pontos relativos todos à Ilha de S. Vicente. Disse verdades que nos castam, mas que são verdades. Isso demonstra, a meu ver, a falta de vontade administrativa permanente, mas quem desembarcasse aqui há pouco mais de cinquenta anos, nesta cidade onde há todas as carências, o que é que encontraria? Absolutamente ninguém. Vida, só a das cabras! Foi com o elemento próprio cabo-verdiano, inculto, preparado em outras ilhas, que desta terra onde não havia coisa alguma se lavraram as ruas, se construíram as casas. Sacou muita terra para o interior, se trabalhou neste porto. Quer dizer: a existência da própria cidade é o desempenho mais formal da indolência do cabo-verdiano. Agora continuamos a ter faltas. Outras necessidades de carac-
ter local que demonstram lentidão, talvez uma falta de vontade permanente no plano superior. Mas a cidade em si, esta obra que nós construimos e que existe, destrói por completo a lenda da tal indolência. Agora soam realistas. No todo, temos razão de sobra para dizer que a nossa produção em trabalho manual ou em trabalho intelectual é inferior àquela que poderíamos fazer. Se a gente comparar o cabo-verdiano com o madeirense, por exemplo (e digo o madeirense por ser um ilhão como nós e um ilhão cuja formação se faz em grande parte como a nossa), não podemos deixar de reconhecer que o madeirense é ativo, é empreendedor, é ambicioso, enquanto o cabo-verdiano é mais lento, não tem ambícios por si só e não produz menos. Se entendermos as coisas nestes termos de comparação, quer dizer, se juntarmos por ponto de partida e de confronto dois povos ilhéus, o cabo-verdiano e o madeirense, não podemos deixar de reconhecer que eles trabalham mais do que nós. Agora, os termos de comparação, para serem exactos, devem-se referir a duas posições geográficas iguais: povos de mesmo sangue, da mesma raça e colocados no mesmo local. Ora a verdade é que a Madeira, com o clima completamente diferente do de Cabo Verde, tem condições climáticas e económicas diferentes. O povo madeirense está, neste ponto de vista, mais beneficiado. Mas a verdade é que quando o madeirense e o cabo-verdiano saem do seu habitat e se colocam num habitat estranho nós assimilamos esse ambiente e produzimos tanto e tão bem ou melhor do que eles. Portanto, o nossa indolência só se poderá aceitar como lente na execução de qualquer trabalho, e proveniente de factores climáticos e económicos e ainda daqueles factores sociais que Jorge Barbosa cita.

BALTASAR LOPEZ: É talvez substituída essa expressão por frustração, frustração secular.


BALTASAR LOPEZ: A nossa falta de um sentido colectivo de actividade resulta de uma frustração secular. Esperanças perdidas nas realizações presentes, elementares. Parece que o mais simples é o mais difícil de conseguir. O cabo-verdiano está farto de ouvir falar em coisas que não realizam. A certa altura o cabo-verdiano, a meu ver, põe o problema de MONTENHO: A que bom? Para que? Para que trabalhar, para que pensar, para quê? Porque, adial de contas, não se encontra realização. Quer dizer: uma frustração secular é, como causa ou como consequência desta frustração, o nosso fraco espírito associativo, que talvez se explique também pela certeza de condições individuais. Não há assistência à iniciativa individual e esta falta frustra-nos.

Têxteira de Sôrria: É peço licença para acrescentar alguns coisas à este problema. É querir perguntar ao Sr. Dr. ALMEIDEN LESSA qual o sentido em que se pode tomar a frase «os estudantes da baixa do Sado dentro do conceito da indolência e dos factores que condicionam esta indolência. Parece-me que o Sr. Dr. ALMEIDEN LESSA liga nesta expressão o factor racial pelo facto de nossa nossa de Portugal se encontrar divido sangue negro. E vamos caírem assim no mesmo problema de há bo-

ceda da sensibilidade ligada à raça africana.

ALMEIDEN LESSA: Evidentemente que, para mim, que me limito a ser eco e intérprete de uma dúvida e de uma impressão que os cabo-verdianos deixam sistematicamente à maior parte dos estrangeiros, se eu para tal afirmação — que gus como hipótese de estudo — tivesse uma explicação biológica ligada à raiz de onde eu próprio provenho, não teria de pôr a pergunta assim. Pois que então essa indolência, a existir, teria a mesma origem que a do homem do Alentejo ou do Minho.

Para eu pôr esta pergunta deste modo teria que admitir outra raiz. Quando eu comeccei a encontrar sistemática e uma referência sobre a indolência dos homens de Cabo Verde recordei-me de uma experiência de leitura colhida por mim nos escolares da baixa do Sado. Em 1957, ao preparar uma tese para um Congresso Internacional de Medicina Escolar e ao estudar os resultados académicos de meia dúzia de anos seguidos, ouço acessos me fora permitido, encontrou como referência quase permanente dos professores dos liceus que ficavam ao Sul do Sado que os estudantes eram mais inativos, mais prescricionados e com menor comportamento escolar do que aqueles que viviam atrás da Sado, e, como é próprio do espírito humano, eu procurei textar compreender porque.
Não era fácil encontrar uma explicação (falta de alimentação, maua tratamento em casa, desasasento entre a idade mental e o nível das ânias) porque o fenômeno era anual, sistemático e de todas as classes. E como em todos os livros que estudavam o homem negro vinham referências psicopatológicas semelhantes, abstractando mesmo das condições de casa e de alimentação; sabendo eu da existência de uma raiz negra na bacia do Sado, onde nos séculos XVI e XVII alguns povos chegaram a perder 90% dos fogos e onde a falta de braços e de outra qualquer energia promoveram uma importação de escravos que foram posteriormente libertados e diluídos na população — era admisível, como hipótese de trabalho, que aquela mancha de mau rendimento escolar pudesse ter como explicação a persistência de uma raiz afra. Essa hipótese foi muito criticada, mas foi lembrando-me de que, ao estabelecer essa pergunta, eu acrescentei, de coração aberto, que, por mim, à falta de outra, eu teria uma explicação de circunstância.

Taxinoma de Sousa: A propósito da indolência em quenita apresentar dois exemplos, o serrei muito breve. Suporão que só a geografia humana poderá explicar todos estes problemas. E a geografia humana inclui várias ciências subsidiárias, uma delas a própria Biologia. Mas vamos aos dois exemplos.

E conhecido, e vários autores a isso se têm referido, o destino dos dores ingleses que colonizaram na América os estados da Nova Inglaterra e as ilhas Bahamas. Enquanto aqueles que se fixaram nos estados da América do Norte conseguiram de fato criar ali mais uma civilização explendorosa e rica, os ingleses da mesma cepa que colonizaram as ilhas Bahamases fracassaram. Pode-se mesmo dizer que esses ingleses que se fixaram no mar das Caraíbas, por exemplo em Jamaica, transformaram-se em menos de cem anos, por tal forma que foram chamados pobretrastes humanos. Tornaram-se indolentes e carregaram-se de todos os vícios. Choveram as explicações. Diziam uns que por causa de clime torrido, mesmo; outros por causa da alimentação pobre; outros ainda explicavam isso pelo alcoolismo (o autor, cujo nome não recordo, chegou a dizer que um domingo em Jamaica matava mais gente de que todas as doenças ali reinantes — porque aos domingos se embebeciam); outros ainda explicaram essa quebra de energia pela organização econômico-social, em franca decadência pela derrocada da cana do açúcar.

Outro exemplo, fruto da minha experiência, foi o que eu pude observar na nossa longínqua ilha de Timor. Quando ali cheguei fiquei chocado com o aspecto apático, miserável da população da cidade de Dili e de quase todo o litoral. Era só eu e a minha mulher; pois foi preciso meter em casa quatro servas para poder comer e ter a casa arranjada. Porque um só se ocupava da ceia, outro limava a casa e servia a mesa, outro apenas acarretava água e o quarto apenas ia buscar lenha. E cheguei à conclusão de que com menos não me saia. Depois conheci a montanha e contatei com outros povos mais vigorosos, mais enérgicos, fisicamente mais compostos. E foi na montanha que pude ver coisas interessantes do folclore de Timor, porque em Dili nem sequer tinha ouvido uma gargalhada. Foi na montanha que ouvi o corte das cabeças cortadas e a dança guerreira, que é ao mesmo tempo de uma violência e de uma poesia enormes. Passado pouco tempo eu tinha a chave da explicação do comportamento do timorense do litoral e daquele que vive a mais de 800 metros de altitude. Era o clima, sim, pela sua acção indirecta (no litoral há muita malária, muita parasitose intestinal, muita bôbua e outras doenças próprias de uma ilha que fica a 8 milhas do Equador, mas que praticamente eram inexistentes na montanha). No litoral o regime alimentar era mais pobre do que o da montanha, apesar de ser precisamente na zona litoral que os terrenos são mais férteis e onde é possível duas culturas de cereais por ano, mas a população cultivava apenas um pedaço exiguo de terreno, porque não tem energia para cultivar mais. Portanto, passa fome porque as doenças que carrega não lhe permitem executar o labor da agricultura, e na montanha, com terrenos mais acidentados, mais sujeitos à erosão, o regime alimentar é superior. O autóctone da montanha cultiva em larga escala porque é mais saudável. Simultaneamente, penso que a indolência caboverdiana não é fatalismo racial, podemos mesmo dizer que não se trata de um fatalismo climático, porque esse pode ser vencido pelo homem e só quando não é vencido é que produza a indolência e outras fatalidades.
Jorge Barbosa esteve uns dias entre nós. E, se a sua visita a ninguém podia ter passado despercebida, muito menos o Canto Verde que se tem honrado com a sua colaboração, tinha o direito de a deixar passar em silêncio.

Quisemos entrevistá-lo; mas foi difícil. O poeta sonhador, cuja distração entrou já no domínio da sonetada, esquivava-se com um tato admirável, aproveitando-se do seu ar distraído para não dizer sim nem não; mas fugindo sempre.

Então, serviu-me dum subtério a que a sua delicadeza não ousaria esquivar-se:

— Há tanto tempo que não conversamos um pouco! Porque não vai lá a casa, uma destas tardes, tomar uma chávena de chá comigo?

Foi, mas... para não ser abordado, falou, interrompeu-se pelos meus chés, gogou a cor do tesselha de chá... disse tudo quanto lhe veio à cabeça, contanto que eu não pudesse interrompê-la.

Mas, esquecem que sou mulher e não sou distraída...

Com grandes rodeios, fui falando do nosso tempo, de quem ou o conheci, dos primeiros versos que dela li e... cai!

— Como é quando começou a sua poesia?

— Parafrazando o grande Fernando Pessoa: malhas a que o destino tecer...

Tinha eu 15 ou 16 anos (não o sei já com certo) quando se deu a fatalidade, isto é, quando, pela primeira vez, descobri até mim este espécie de intuição a que chamarei, com mais ou menos propriedade, a intuição da poesia. Desta modo começou a minha vida de poeta (e Voe que assim me chama).

— Não sei se que lhe chamo; são todos aqueles que leram ou ouviram os seus versos, mesmo quando eles não eram mais do que a leira das canções que V. dedicava... sabia-se lá a quem?

Jorge Barbosa já não me ouve e prosseguia:

— Iniciei-me com as quadrinhas ingênuas. Seguiram-se os acrósticos vistosos. Veio depois o infalível soneto, bem medido, bem sonante, com a rima cuidada (eu tinha um jeito especial para a rima).

O amor descompassado e o bater do meu coração, o heráldico, que eu sabia das histórias, eram os responsáveis pelos acréscimos dos meus versos. Chego por vezes a ter saudades...

— Calculo!...

— Mas, depois? Como chegou à forma actual?

— Rolou o tempo e deixei para trás as quadrinhas, os acrósticos de tão belo aspeto gráfico, os sonetos, a rima, as súbitas musicadas com o acerto de um príncipe.

Rolou o tempo e a minha poesia é como o céu agora, com uma certa impletuação dentro dela, por causa, sobretudo, do destino da nossa terra e do nosso povo.

Os olhos do poeta têm uma expressão distante; veio-lhe o rosto desenhado de pequeninos traços que o sorriso não consegue aterrar. Pergunto a mim mesma se este rapaz alegre, despreocupado e sempre jovem também terá lutado e sofrido, se também ele conhecerá o amargo das horas mais, e não me contendo de lhe fazer uma pergunta indireta:

— Fale-me da sua luta contra a realidade da vida.

— Luta silenciosa, sem legendas exageradas.

Aceito a vida naturalmente, com os seus momentos felizes, as suas horas amargas e difíceis. Fico-a com, optimismo-crítico, comendo bem, rindo alto, folgando e bebendo em companhia de amigos, amando ainda, enfrentando os meus problemas sem desistir mais e algumas vezes, rubricando os meus versos.

Ao seu "canto ainda sorrio e aconselho... cuidado! Lembre-se que talvez em sua casa leiam o Canto Verde..."

Mas, logo, com receio do mudar do assunto, retomou o fio à conversa:
— Quando teremos um novo livro seu?
— Talvez breve, talvez nunca. Tenho material suficiente para um livro. Mas estou pensando na possibilidade de edição, sem muito pressa. E é perguntar a mim mesmo se vale a pena.
— Li um conto seu que me agradou imenso, aquele em que fala com o diabo. Porque não escreve mais contos?
— Trata-se, evidentemente, de pura fantasia. Mesmo assim houve quem acreditasse que eu tivesse falado com o diabo em pessoa e se alarmasse tanto por causa disso. Recebi cartas de gente amiga a querer saber ao certo...

Tenho outros contos escritos mas vou agradandos, voluntariamente, a hora da publicação, feliz a sabedoria popular que diz que o silêncio é de ouro.

— Tem um filho poeta também: Jorge Pedro. Como explica o caso poético do seu filho? Hereditariedade? Terá você exercido alguma influência na poesia dele?
— Não sei explicar e seria para mim difícil explicar o caso poético do meu filho. Há coisas que acontecem mesmo sem hereditariedade, mesmo sem ativismo.

Quanto à influência, creio ter exercido alguma, nele e em outros poetas novos de Cabo Verde (cujo dizendo que até em alguns outros de fora). Influência entretanto perigosa porque a minha poesia, com a sua embora novidade acentuada por falta de certas virtudes poéticas, não chegou a ser nem uma obra, nem um marco itinerário. Talvez fosse um como que avanço de transição na poesia cabo-verdiana (mas há poesia cabo-verdiana?), um como que preâmbulo da nossa verdadeira e ainda inédita poesia, que eu apenas anotei um pouco e que é preciso escrever quanto antes, já que ela existe em potência na trágica vida das ilhas e na alma sofreador e estóica do povo mais cantador do mundo.

— Tendo em vista o aspecto intelectual e literário, que pensa da nossa gente nova? Possibilidades presentes e futuras?
se algum estímulo tem aparecido não foi des-
guia a sua proveniência. Como vês, temos po-
sibilidades presentes e futuras. O que se torna
necessário é encontrar-se a maneira de rom-
per o muñeco que envolve os modernos es-
critores caboverdianos.

— Gostaria de poder dedicar-se exclusi-
vamente às letras?

— Gostaria. O meu mal tem sido gostar de
coisas impossíveis.

— Para terminar, a pergunta da praxe: Qual
é o seu maior desejo?

— Pergunta um pouco no subódias que se
fazem nos inquiritos do fim do ano...

O meu maior desejo é andar por aí, pelo
mundo fora, percorrendo palhas, sem parar
muito em nenhum. Lheiro de cheques fazendo
volume no bolso (as viagens são tão custo-
santes!), Kodak a tirarço (ào tantas as paisa-
gens!). Antevouia. Foi essa sucessão vertigi-
nosa de aventuras coloridas e maresianicas:
Brasil, Hóllande, Italia, mulheras bonitas e
perigosas, surpresas, temores de naufragios,
caçadas arriscadas...

Mendar-lhe-ei a minha fotografia mais
espectacular: um igre real abatido a meu
pés e eu, dominando o acontecimento; de es-
paceta de caruah, a carobina sob o braço, tal-
vez fumegante ainda...

Anoitecia.

Da rua vinham vozes cantando um hino
religiogo.

Jorge sobressaltou-se:

— O que é?

— São as crianças da procissão.

— Tinha-me esquecido...

Deixou o chá, mal se despediu e saiu a
correr em direcção à Igreja.

Fiquei a janela a vê-lo e a pensar como no
paradoxo deste poeta, pagan e religioso
ao mesmo tempo: camando ainda e sobres-
saltando-se porque esqueceu a hora da
oração...

Como um simbolo desta raça amalgamada
da fé portuguesa e da fé de prazer de
todos os povos insulares.

M. H.

Um grupo de casas económicas no bairro da Acharinha, inaugurado no dia 28 de Maio

O AMBIENTE LITERÁRIO

CABO-VERDIANO

E A INFLUÊNCIA BRASILEIRA

segundo o poeta Jorge Barbosa

Esteve há pouco entre nós, depois de 26 anos de ausência em Cabo Verde, o poeta Jorge Barbosa, autor dos livros de poesia cabo-verdianos «Arquipélagos» e «Ambientes».

Antes de partir novamente para São Vicente, onde é funcionário das Alfândegas, Jorge Barbosa falou-nos do ambiente literário da sua terra e do que haveria a fazer para o desenvolvimento da literatura entre os cabo-verdianos.

Pretendemos saber, no início da conversa, qual era a opinião do poeta sobre a literatura cabo-verdiana:

— Haverá, na verdade, uma literatura cabo-verdiana?

Jorge Barbosa respondeu:

— As publicações literárias de ambiente cabo-verdiano têm constituto, até agora, casos isolados. O romance «Chiquinhos», de Baltasar Lopes, os poucos volumes de poesia já editados e alguns números aparecidos das revistas «Claridades» e «Céntenas», apesar do interesse que despertaram em Portugal e no Brasil, estão longo ainda de formar um seguro conjunto literário, com a sua fisionomia traçada, o seu saber a ponto de partida e a sua projeção. Não temos pois, até agora, uma literatura cabo-verdiana.

— Julga que os escritores de Cabo Verde se deixaram influenciar pela moderna literatura brasileira?

— Para lhe responder teria que repetir, em essência, o que já disse noutro lugar.

— Gilberto Freire, muito de fugida, focou o assunto e afirmou ter encontrado nos actuais escritores cabo-verdianos uma nítida influência da moderna literatura brasileira, que na verdade chegou a empolgarmos pela sua novidade. Vejamos: o povo brasileiro e o povo cabo-verdiano tiveram um processo de formação étnica, sensível igual, quase idêntico. Têm aspectos de vida parecidos; há dramas que lhes são comuns (as secas, por exemplo); encontram-se muitas vezes, na música, no folclore e até — não é despropositado dizê-lo — na própria semelhança de pronunciar o português. Ora, a moderna literatura brasileira, com a sua novidade, chegada bruscamente até nós, com o seu debruçar sobre a terra, a sua preocupação quanto à vida e ao drama do homem, a sua nota de intimidade, como que reflecte muito da nossa vida e do nosso clima. Há, pelo menos, capítulos inteiros e poesias, nas livros de Lins do Rego, de Jorge Amado, de Manuel Bandeira, de Ribeiro Couto (não vale a pena citar mais nomes), que poderiam ter acontecido em Cabo Verde...

Dali os escritores cabo-verdianos, repetiu-o,
serem empolgados momentaneamente pela moderna literatura brasileira. Note-se, entretanto, que influência, se a houve, foi mais de processo do que da própria literatura e que somos, passado o apetite, trazer e seguir o nosso caminho, embora tivesses ficado uma parecência de família, que não se pode apagar.

— Quei dizer-nos agora qual é, actualmente, a actividade literária em Cabo-Verde?

— Presentemente parece não haver poetas e prosadores no Arquipélago. A grande maioria conserva-se num mutismo que impressiona, apesar de podermos contar com valores que muito tempo a dizer nos. A falta de uma revista literária é a causa do grande silêncio. A única revista que possuímos, o «Boletim de Cabo Verde», órgão da Propaganda da Província, mantido, diga-se de passagem, pela inteligente persistência do seu director, dr. Benito Levy, destina-se, como não poderia deixar de ser, a assuntos de carácter geral, se bem que não se desinteresse pelo caso literário (promoveu já dois concursos de contos e um outro, de poesia, está em vias de realização). A par do «Boletim de Cabo Verde», que leva já alguns anos de vida e cuja utilidade é para se encorajar, seria por todos os motivos proveitoso a iniciativa, por parte do Governo da Província, da publicação de um boletim essencialmente cultural destinado ao escoal representativo da inteligência cabo-verdiana. Jaime de Figueiredo, pela garantia de seu talento e com a vantagem de residir na cidade da Praia, seria o homem indicado para o dirigir.

— Pensam em criar algum organismo de estudo e expansão cultural?

— Vontade não nos falta. Não temos, em actividade, um organismo que oriente e promova pesquisas que se relacionem com o homem cabo-verdiano, impulsiona o estudo do nosso folklore, leve a efeito a recolha das nossas músicas mais características, procuro descobrir alguma coisa da nossa pequena mas talvez interessante história (haverá ainda que ver o que resta dos nossos antigos arquivos). Falta-nos um museu, pequena réplica que fosse, do Museu do Dundo. Falta-nos, sobretudo, mais do que a boa vontade e a iniciativa, os meios materiais para fazer marchar os nossos projectos. A elasticidade do nosso Orçamento é muito limitada.

— Tem algum projecto literário?

— Sim, talvez um livro de poemas. Depois desta aventura atlântica em que me meti, tudo é possivel.

— O que nos diz deste viagem a Lisboa?

— Digo-lhe que estou a fazê-la há 16 anos. Conheci por realizá-la um pouco na poesia, um pouco no sonho e, afinal, um navio faz o resto, uma vez que, tendo sido nomeado comissário do Governo de Cabo Verde para acompanhar emigrantes a S. Tomé, me foi possível regressar, via Lisboa. Em 30 dias, obviamente, não tive tempo para muitas coisas. Mas pude ver e sentir a bela cidade de Lisboa, a educação, a disciplina e o cívismo do seu povo. Voltarei — sei lá — talvez daqui a 36 anos, isto é, quando faltem apenas dez para o ano 2.000.
Uma Carta

Meu caro Sr. Augusto Miranda:–Costumam aparecer no seu quinzenário artigos sobre a ilha de Santo Antão, marcados com as iniciais J. B.

O facto de eu ter ali estado, e a circunstância do ilustre articulista usar iniciais que também são minhas, já deram lugar a confusões, tendo-se-me atribuído a autoria dos artigos: Embora muito dedicado à ilha visada, e mesmo o meu desejo,—que qualquer dia porei em prática, de algo escrever sobre ela, declaro que os referidos escritos não são meus e que as iniciais significâncias que tenho por vezes deixado no registo das Noticias ou que vierem a aparecer tiveram e terão apenas a minha assinatura ou o pseudónimo Jorge Sant’lago.

Peço-lhe a publicação desta carta, subscrevendo-me.

Seu camarada muito dedicado e admirador.

Jorge Barbosa

*In Noticias de Cabo Verde, S. Vicente, A. 1, n.º 25 (6 Fev. 1932), p. 4.*
Meus Camaros Amigos:

Vão os poemas à vossa leitura.

Há ainda seleção a fazer; guarde-a para depois das vossas sugestões.

Lei em "Ambiente" dois poemas que se destinavam a 'Estiagem'. É que desisti da publicação de 'Estiagem', porque ela não me agradou no seu conjunto.

Há imagens que se repetem em algumas das poesias junzas. Verei isso mais tarde, quando a publicação estiver para se fazer.

Tenciono editar o livro aqui, pelas facilidades que terão. Publicá-lo-á em Lisboa se algum editor m'as quisesse dar. Mas não vejo viável tal hipótese.

Julgo poder colocar em Cabo Verde uns 200 exemplares. Falei até mais. Cerca de 200 volumes de "Arquipélago" vendiam-se aqui e não houve grande actividade por parte dos que tratavam da venda. José de Aguiar, que se dedicou ao negócio de livros, encarregou-se-a da expansão do "Ambiente", por intermédio dos agentes que têm em mãos todas as Ilhas. Os exemplares seriam colocados, antes mesmo da publicação, por meio de listas.

Espero a reação da vossa leitura; consequentemente: os vossos comentários e os vossos conselhos.

Se for possível, vede se fazes qualquer nota na imprensa, a exemplo das noticias literárias que eu há de ver tiradas nas revistas, anunciando a publicação de "Ambiente".

Vou dactilografar "Intervalos", para vos remeter. É um livro diferente de "Ambiente". Suponho que não conheceis nem um dos poemas. Depois irão os capítulos do meu romance "Bia Graça". Este tem continuado parado e não sei se chegarei ao fim, se bem que está já todo realçado em pensamento.

Abraços de muita amizade,

Praia, 13/11/1939.

In "Livro Ambiente: para a leitura" de José Osório de Oliveira e Baltazar Lopes, Praia, J. Barbosa, 1939, p. [1].
1 | Jorge Barbosa

Aeroporto do Sal,
Cabo Verde, 4 de outubro de 1969.

Caro Osório de Oliveira:

Ultimamente, estive ausente da ilha do Sal, cerca de um mês. Foi na Praia que recebi, em setembro, o esquema do programa «Música e Poesia», radiodifundindo pela Emisora Nacional, em 24 de agosto último, sob a orientação de D. Rachel Bastos, sua esposa e Minha Senhora. Os meus agradecimentos.

Volta e meia ouço «Música e Poesia» mas foi por acaso que escutei o programa, também da D. Rachel, em que se recitou o meu poema «Você, Brasil», momentos antes da chegada do Presidente do Brasil a Portugal. 1 Foi uma comovadora surpresa.

Vejo, com certa magoa, que você resolveu, se não esquecer-nos, não escrever mais sobre nós. Não sei as suas razões. Baitazar, com quem conversei muito, em B. Vicente, não há ainda 15 dias, ficou de me mostrar a carta que o Osório de Oliveira lhe escreveu, mas o tempo foi passando e voltei para o Sal em branco sobre o assunto. Quase que sejam os motivos da sua decisão, o que é certo é que você tem aqui bons e fiéis amigos, que o estimam, o admiram e lhe são gratos pela sua herórica insistência em revelar a nossa terra e a nossa gente ao mundo lusitano, numa cruzada desinteressada, de longos e já avançados anos.

Há já algum tempo, a propósito da morte de Armando Xavier da Fonseca, falei dos que eu considerava os três melhores amigos de Cabo Verde, — de Você, dele e de Augusto Castilho. 2 Foi uma crónica lida ao microfone da Rádio Barlavento. Referi-me a três melhores amigos nossos porque fizeram vocês que mais nos destes: o interesse do vosso espírito e a vossa amizade compreensiva e solidária. Lastimei então, por conta do futuro, que vós três talvez jamais teríeis nas nossas ilhas uma rua com o vosso nome.

É provável que ainda neste ano apareçam, num só, os meus três livros já publicados, acrescidos de alguns poemas inéditos. O que eu tenho escrito ultimamente («Memorial de São Tomé», «Meio Milênio»,1 etc., não poderão ser publicados; estou escrevendo, como já disse, poesia sobre a areia...).
E pena que não possa ouvir a sua voz sobre a nossa Antologia de ficção...

Os meus respeitos à Sra. D. Rachel.
Um abraço para si,
da sempre muita amizada
do
Jorge Barbosa

Em Dezembro fazem 25 anos que publiquei «Arquipélago».
Uma data que eu recordo com uma «fininha melancolia».
O livro de que atrás lhe falei deverá coincidir com as bodas
de prata de «Arquipélago», se Deus quiser. Chamarei ao volume
«Poesia possível».

Seu

JB

Memorando

Nome: Jorge Vare-Cruz Barbosa.
Idade: 66 anos.
Profissão: Reverificador, aposentado, das Alfândegas de Cabo Verde.
Habilidades: 3º ano dos Liceus; conhecimentos autodidáticos; fala um pouco o francês.
Obras publicadas:
3 livros de poesias; colaboração em vários jornais e revista da Metrópole e do Ultramar.
Serviços prestados:
Vários na área profissional, incluindo os cargos de Diretor das Alfândegas de S. Vicente, por 2 vezes, durante um período de tempo de cerca de 3 anos, e do Espargue, na Ilha do Sal, durante cerca de 8 anos; Vocal das Câmaras Municipais de Fogo e da Praia; Presidente da Comissão Local das Comemorações Henriquinhas, na Ilha do Sal.
Louvores:
Alguns, recebidos durante a sua vida profissional.
Prémios Literários:
Camilo Pessanha, da Literatura Ultramarina, de 1955.
Condecorações:
Cavaleiro da Ordem de Império Colonial Português.
Pretensão:
Pretende o signatário ser nomeado delegado do Governo de Cabo Verde junto da associação turística, recentemente criada, a ser levada a feito na Ilha do Sal.
A nomeação e a iniciativa de Sua Exa. o Governador de Cabo Verde, pelo que o assunto, se merecer o patrocínio do Exmo. Senhor Professor Reuter Marcelo Castanho, poderá ser encaminhado para Sua Excelência o Senhor Ministro do Ultramar.
S. Vicente, Cabo Verde, 22 de fevereiro de 1969.
O pretendente:
[Assinatura]
Exmo. Senhor

Chefe do Gabinete de Sua Exª. o
Ministro das Comunicações

LISBOA

Tenho a honra de enviar a V. Exª., para os fins que forem tidos por convenientes, a carta incluída dirigida a Sua Excelência o Presidente do Conselho.

Apresento a V. Exª., os melhores cumprimentos.

A bem da Nação

Cabinet de Sua Excelência o Presidente do Conselho, - 16 Junho 69

O CHEFE DO GABINETE,

Anexo:

1. carta de

Jorge Vena-Cruz Barbosa

LM/MT.
PRESIDÊNCIA DO CONSELHO
Gabinete do Presidente

Exposição } de Jorge Vera-Cruz Carbone
Carta }

1. Dar entrada
   SIM
   NÃO X

2. Enviar a Meia Comunicação
   a coberto de ofício modelo
   assinado por CHEFE DO GABINETE X
   SECRETÁRIO

3. Enviar ao signatário ofício modelo 10 Meia Comunicação
   Lisboa, 6/6/67
   O SECRETÁRIO,

In Torre do Tombo, Cx. 53, 4fls.
De há muitos anos, com intermitências, mas sempre com entusiasmo, ouço falar, por aqui e por estas ilhas, do Porto Grande, da sua importante contribuição na economia da Província e dos obras dele necessárias, aliás já previstas ou vislumbradas pelos nossos avós, pelos nossos pais, por nós e por nossos filhos também.

Quer dizer que de tempo a tempo o assunto volta à baila, animando as conversas, esforçando os artigos dos jornais, influenciando os discursos. Todos retomam e conclamam o velho tema.

E quando tais revuvadas acontecem, a sua origem foi qualquer boa nova que chegou até nós, na pessoa de algum viajante, ou ao abrigo discreto de maio postal, atravessando assim, em área marítima, as milhas atlânticas que nos separam do Tejo.

As vezes o portador da boa-nova é alguém que regressou da Metrópole. Pelos relatos que nos fizeram da viagem, há sempre essas impressões do país, variadas em surpresas e picaretas; não só temos a sensação da abaladez, em que o rápido Lísboa-Porto nos levam sobre valla infindável; não só nos sentimos arrastados na correria veloz de algum automóvel, rolando em estradas asfaltadas, a mais de 100 à hora; não só vimos — oh, fantasia dos que fizeram! — pelas alturas vertiginosas, um pouco receosos, mesmo assim na imaginação, dentro de algum avião dos TAP, vibrando e rosneando na lua, velocidade; por tais relatos não só estranhamos a confiabilidade com aventuras galantes e tomamos conhecimento desse frio balênico: Comanéo (a espaço-nole), Monac (não o Lescas, mas também francês), Maria-Quinquer-Codes (a portuguesa); não só sabemos as últimas e picantes anedotas lihottas; não só escutamos judiciosos comentários políticos; — como também ouvimos do prescioso narrador a noticia mais palpitante que mais nos convence e anseio de discorpo os nossos corações: as obras do Porto Grande são para breve! Anda o informador bem avisado, como se vê, e a noticia soube-a de um amigo que pesa, familiar tu-dá-tu-lá das repartições da Praça do Comércio.

Outras vezes a boa-nova quem a transmite é pessoa que não precisou de sair. Aqui mesmo sabe tudo. E a informação está quase com solenidade, informação segura, fidelíssima: «Para breve! Recebi uma carta de Lisboa...»

Agora Anda, novamente, o Porto-Grande na baila. As conversas, os artigos dos jornais (este mes é um exemplo) retomam o assunto. Só não houve ainda discursos.

Pode ser que, regredidos da Metrópole, tenham chegado viajantes, que aloqueiram cartas tenham sido recebidas. Desteves, porém, as esperanças resultam de outras maneiras. É que o Senhor Ministro do Ultramar, ele mesmo foi que no-lo disse, pretende mandar executar as devidas obras do Porto Grande.

Sua Excelência tem um passado colonial e administrativo cheio de realizações e de experiência. Deixou a fotografia de sua presença bem viva por onde esteve, um sêcuo bem vinhão da sua passagem pelas terras de África. Guiné já o confirmou. Ultramar está a dizer...

Não sei quais as dificuldades materiais — certamente algumas — que surgirão para os contraporem à marcha das importantes e por-
Boletim de Propaganda e Informação

...sítio de ambientes... obras do Porto Grande. Mas sei que Sua Excelência tem denodada vontade para enfrentar os obstáculos e pales firmes para os vencer, com perspicácia e trabalho, com energia e inteligência. Esperamos dele, portanto, o que já há tantos anos esperamos.

Senhor Ministro!

Permita-me que lhe conte este meu sonho:

Já presinto e anseio o Porto Grande de amanhã!

Toda essa sonferia chega até mim: os apitos e as sirenas dos vapores, o ronco constante dos motores, o gorgolejo dos guindastes, a orquestração ruidosa das oficinas!

Todo esse quadro enche a minha retina: cais acostávem, quebra-mar, plano inclinado, uma longa e caprichosa cintura de cimento armado abraçando a baía e, de encontro a ela, a ex-puama branca das ondas! Ao alto, o impomoente recorte, o estático perfil do Monte-Cura olhando o céu!

Já presinto, Senhor Ministro, o Porto Grande de amanhã!

E Vossa Excelência no fundo dos nossos corações e nos louvores das nossas boas.

JORGE BARBOSA

In Cabo Verde: boletim de propaganda e informação, Praia, A. 3, n.º 3 (1 Abr. 1952), pp. 9-10.
O transatlântico “Vera Cruz”

No regresso da tão falada viagem inacabada, em que atravessou as terras do Brasil, da Argentinita e do Uruguai, em rápida e festiva trajetória, ancorou nas águas do Porto Grande, pelos 20 horas da noite de 20 de outubro, o navio mais já celebrado transatlântico “Vera Cruz,” tão ansiosamente esperado por todos.

Levou e trouxe, neste viagem pelos rumos antigos da navegação, cuja reta via é só a do mar, mais a do destino e a do sonho também, uma Missão Cultural, com os seus professores, os seus cientistas, os seus escritores. Leve e trouxe um grupo de directores de jornais, representantes periódicos como o Comércio do Porto, cuja tradição se estende sobre alhures fixados nas décadas da sua existência; contou o Diário Popular e o Diário do Norte, que têm a iniciativa fotografada na própria mocidade dos seus dirigentes; como as Novidades, órgão de defesa e propagação do Catolicismo; como o República, baluardo da oposição. Leve e trouxe ainda os passageiros de sempre, de todas as classes, mescla humana onde se caldearam todos os sentimentos, almas embaladas por todas as fantasias, gente para quem a viagem é a eterna procura, quantas vezes frustrada, da variedade e do prazer, da viragem de terra longe, o impulso, a espera, da vida melhor e, também, quantas vezes, a desilusão e a dor.

Entre os passageiros (pouco mencionar apenas aqueles com quem tive a satisfação de conversar) vinham o capitão Teófilo Duarte, então Governador desta infeliz mas sempre esperançosa província; o marechal Dr. Evans de Melo, que em tantos congressos internacionais tem honrado a cálida e amável médico portuguesa; eu, já conhecido e velho amigo Outor de Oliveira; o ensaiista e historiador Dr. João Mendes, o reverendo padre Dr. Marques das Neves, incansável diretor das Novidades; o Dr. Luiz Borges Trigueiros, com aquela simplicidade que eu já sabia que mesmo assim foi uma descoberta para mim; e o seu não menos simpático espólio, e companheira desses cruzeiros pelo mundo; a irradiante frescura, a viva personalidade de Natália Correia (proclama vir passar algum tempo entre nós, para escrever um livro); a figura estrondosa e desenfreada do Dr. António da Cruz, enérgico orientador do Diário do Norte; o brasiliteríssimo escritor João Coelho, animador do prestigioso Jornal de Letras; finalmente, o calmo, e talvez não, Adolpho Spinola Müller, narrador de aventuras e narrador de aventuradas historietas para crianças que embora tenha esquecido os versos não esquecemos a poesia.

A nossa conversa, em à vontade de camas, rios, gaiolas, sem preocupações, sem conversas dissertações sobre interessantes, veremos sobremodo o Brasil e o viagem de “Vera Cruz.”

Mas Cabo Verde com as seus problemas, alguns angustiantes, com os seus poetas, os seus escritores, não deixou de ser focado.

Mostraram esse, com quem falei durante as breves horas passadas no變化 do transatlântico, o mais interessante e interessante por nós. Sabem que existimos e marcamos a nossa personalidade dentro do conjunto português.

Felicemente ainda não somos de todo esquecidos, graças a Deus!

Houve ainda no jantar oferecido pela Companhia Colonial de Navegação aos elementos militares, civis, do comércio, da indústria e representantes da imprensa cabo-verdiana, em cujo número se quiserem honrar.

Falei em primeiro lugar o Sr. Comandante Militar, dirigindo de expressão maravilhosa aos Srs. Capitão Teófilo Duarte e Bernardo Correia, presidente da administração da CCC.

Este, respondendo, trouxe, a balas um anseio de interesse para nós, que alias fora sentimento em mensagem que as forças vivas dirigiam ao Presidente da Junta Nacional na Marcela Mercante, Sr. Comandante Pe- reira Viana, que também vislou a importância da possibilidade de “Vera Cruz.”
continuar as suas escala pelo Porto Grande. Não deixa o problema de se apresentar como uma questão de segurança e quietude, que foge pensando no prestígio e no futuro do nosso porto.

A Shell poderá ou não, dentro de um espaço de tempo considerado razoável, fornecer a grande quantidade de combustível e de que o navio precisa? E, portanto, a outros de igual ou maior tonelagem também?

O que interessa por agora e nos põe na expectativa é o que disse o Presidente da C. C. N. Homem do azul, as suas palavras foram claras e autênticas: o «Vera Cruz», continuará escalando S. Vicente mas isso apenas com a garantia de poder receber, sem perda de tempo, além do que for normal, o óleo necessário às suas caldeiras.

O Sr. Capitão Telêfio Duarte falou largamente de Cabo Verde, manifestando mais uma vez a sua dedicação por este. Em outro local o nosso enviado, o seu discurso foi semelhante.

Falou ainda o Sr. Carlos Wahn, Presidente da Associação Comercial, focando igualmente assuntos operacionais que se prenhecem com a nossa vida económica.

Finalmente discursou o Director do «Notícias de Cabo Verde», Sr. Raul Ribeiro, que pôs em realce a obra administrativa e a personalidade do Sr. Capitão Telêfio Duarte.

***


Neste mesmo ato, o Sr. Celso Leite, que fazia parte do grupo formado pelas forças vindas da ilha, leu a mensagem de que já feita, dirigida ao Presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante. Incitou a mensagem sobre o progredir, e por vezes até inexistente, sistema de comunicações entre Cabo Verde e a Metrópole. Aquela entidade, Sr. Comandante Pereira Viana, em resposta informou que a S. G., além dos navios já em serviço, tinha outro em construção, destinado esta carreira, com ação para 50 passageiros, sem prejuízo para o espaço reservado à carga, o que virá satisfazer os nossos desejos.

Esperemos, pois, já que, como disse um Ministro do Ultramar, esperar é uma virtude cabo-verdiana...

JORGE BARBOSA

ILHA DE SANTIAGO

Ponte-vaio no porto da cidade da Praia

in Cabo Verde: boletim de propaganda e informação, Praia, A. 3, n.º 32 (1 Mai. 1952), pp. 11-12.
SANTA CRUZ EM SALAMANSA

O mar é ainda assim o maior esperança do nosso povo, o seu melhor amigo, quer abrindo, quer encerrando, para uns, os caminhos de terra longe, onde a vida promete e quase sempre dá o que nos falta aqui, quer facultando, a outros, os meios de ganarem o pão de cada dia.

Mas o mar amigo, com as suas rotas abertas para os que por elas possam seguir, com a sua riqueza que é o amplo marigado de quantos pescadores e de quantos marinheiros, o mar, outros, por vezes traz o luto à gente cabocerdeana. Tira de quando em quando um pouco daquilo que dá constantemente.

É o caso do bote que partiu, não há ainda muito tempo, na feira da pesca, rumo à Santa Luzia, e não mais voltou.

Salamansa inteira ficou chorando os seus homens e as suas crianças. Porque também havia crianças nessa aventura.

A ilha toda sentiu o choque angustioso da tragédia que a telegrafia não transmitiu nem os diários anunciaram. Tragédia umédma, mais uma no mundo.

Em consequência, um grupo de pessoas, com a compreensão (o que não é frequente) de que o bem deve na verdade transitar da palavra a das intenções para a objectividade, grupo que tinha a sua frente uma senhora que anda por aí a socorrer a pobresza, debruçando-se sobre as caixas das enfermarias, entrando nas prisões, pescando a ilha, numa cruzada silenciosa e cristã, que passa por teto mesmo despercebida, um grupo, disse eu, deliberou que o dia da Santa Cruz seria de contentamento em Salamanca. E nos os denominativos que conseguiu angariar, foi a caravana distribuir mão-cheia de presentes e entregar aos pescadores um bote para substituir o que ficou no fundo do mar.

Só não puderam ser substituídos os homens e as crianças. Mas deixamos a vida assim, parada nos mortos, movimentada e constante na vida.

Salamansa ficou com o seu bote. O mar continua, a vida continua.

E o optimismo na alma do nosso povo também.

AINDA O PORTO GRANDE

A propósito do transatlântico Vera Cruz, quando por aqui passou no mês passado, e do discurso, pronunciado a bordo pelo presidente da Companhia Colonial de Navegação, fiquem eu o assunto que se prende com a fornecimento a esse vapor, e a outros, pela Shell, de grandes quantidades do óleo combustível, em espaço de tempo considerado razoável, para que os navios não tenham transtornos com uma demora exagerada no porto.

Pretendes agitar, pois, este problema: Está a Shell em condições técnicas de fazer os fornecimentos com a necessária rapidez? Terá, para tanto, todo um conjunto de material disponivel, pronto a servir com eficácia?

Vem à baila dizem que tenho ouvido que os grandes paquetes fugiriam do nosso porto porque não podem ser abastecidos com a garantia da brevidade. Não sei se assim é ou não. Sei, entretanto, que os grandes navios que aqui não tocam.

Tenho também ouvido que a Shell, com as lanchas transportadoras de óleo que actualmente possui, consideradas pequenas para os fornecimentos navais, só é, de grossa tolagem, não está em condições de corresponder à pressa relativa que esses mesmos fornecimentos exigem.

Mais ainda ouço dizer: que a referida companhia não poderá ter aqui lanchas de maior tamanho, por faltar em S. Vicente um plano inclinado, onde possam ser arreastados e reparados quando necessário.

Estamos, portanto, num círculo vicioso.

Ora, vem a propósito perguntar:

A Saga, que pretendeu construir um plano inclinado, o qual, se não fosse grandioso, serviria muito satisfaçtoriamente para acudir às necessidades do nosso porto (da Shell inclusive) terá que dar por cancelado ou suspender o seu projeto?

A pergunta tem procedência, porque, ao que parece, o mesmo plano inclinado terá que ser realizado, em virtude de se relacionarem com
o complexo das obras do Porto Grande, não separadamente delas, mas sim com as obras em conjunto.

Mas estas quando serão?

Serviços

Segue no Lagola outra leva de serviços, rumando Angola.

São algumas centenas de homens, mulheres e crianças, os que vão agora por esses cruzamentos do mundo, em busca do pão e do sustento.

Que surpresas e que perigos, que pesares e que alegrias, vão encontrar? Seja como for, todos aqueles corações, batendo de saudade por tanta coisa ficando atrás — até quando?

— todos aqueles corações leuam a esperança constante que nunca abandona a nossa gente.

Mesmo nas suas horas mais negras, mesmo nas suas misérias mais duras, os homens do povo da nossa terra não perdem a graça do otimismo que é para eles uma graça de Deus.

E por isto que sabem cantar e sabem bailar.

Estão a vê-los e a senti-los, aglomerados no convés do Lagola, cantando as nossas mornas, ao som dos violões, nas longas noites da viagem.

Boa sorte meus amigos!

Jorge Barbosa.
Comemoração de Camões

A verdadeira poesia não envelhece com o rolar do tempo, nem esmorece a graça, nem diminui o perfume, nem enfraquece o vigor. O dano que a marcha dos anos lhe poderá trazer é desfocar o ambiente da sua criação, mas sua beleza, sua comunicabilidade, seu poder de penetração, continuam vivos mesmo assim.

Eterno, pois, é a poesia de Camões, poeta maior de todos, cujo dia, o 10 de Junho, foi comemorado por toda parte onde se exprime a língua portuguesa.

Cumprindo a tradição da casa, o Liceu de Gil Eanes, nossa unica, e, além de única, prestigiosa instituição cultural, assinalou mais uma vez a data, com essão solene presidida pelo Governador da província.

Couve ao professor Dr. Cruz Pinto o encargo de pronunciar o discurso abusivo ao acto. Ora, apesar de muito que se tem dito e escrito sobre Camões, sugestões há sempre, encaradas a personalidade, a vida e a aventura do homem e do guerreiro, facada a grandeza do poeta, para mais e variados temas.

Foi assim que o orador, na escolha do assunto da conferência, tomou por tema «Camões, símbolo da gente portuguesa».

Pretendeu, e conseguiu, com brilhantismo, demonstrar como o poeta simbolizou a gente portuguesa, identificando-se com ela no canto da poesia,

... cuja lira
será mais amada que diãas,
no seio de soldado, nos altos e baixos de uma vida aventurada.

O Oriente, prometendo riquezas, anegando perigos, era um apelo, e do apelo nasceu e tomava corpo o grande sonho de ablação que azotava a alma portuguesa. Cumprindo a determinação do destino, Luís de Camões, a quem não eram propícios os ares patrióticos, dia o orador, «seguiu o rumo comum a todo o português pobre do século XVII».

Mas não era só o espírito guerreiro e de aventura, estimulando os homens, que levou o poeta no rumo das navegações heroicas. Estava latente dentro de cada português o sentido de alargamento pátio, da expansão nacional, em suma, de projecção luciada, porque Portugal, país pobre, necessitava de riquezas para firmar o seu reino e defender a sua nacionalidade.

Ouvamos o conferente: «Portugal vínculo, nesta época, do Oriente e o poeta lhe foi também abrir carreiras.»

Homem, maruiaheiro e soldado português, Camões encontrou-se ultramaritamente na sua poesia, onde rendeu e recorda a epopeia lusitana (día o professor Cruz Pinto que os poemas de valor lusitano não é apenas obra de Camões).
antes é a coroação individual de uma obra colectiva).

Porém, não o só na nas alas da esperança
que o porto de "Os Lusitânicos" corresponde
com a sua gente, fazendo-lhe reviver o valor e o
ânimo, contando-lhe o seu doce das caravelas
pelos rios ainda virgens do mar, celebran-
dão as descobertas e as conquistas.

Também na poesia do amor Camões soube
traduzir e sentir, com intensidade, a ternura,
à brandura, à maneira de amar e o ciúme
português.

Amor é fogo que se desse sem se ver;
E fê-la que só não se senta;
E um contentamento desconhecido;
E do que desafina sem dor.

O que leva o conferente a anotar que este
dia de amar parece ser uma das expressões
mais típicas do gênio português e tem em
Camões a sua manifestação mais elevada.

Acontecimento desportivo

Regressou festivamente da escravato à Guiné
o grupo que fora daquela província represen-
tar o futebol de Barlavento nas disputas de
um campeonato.

Esses rapazes que se bateu aqui uma tensão
entre os outros, muitas vezes com rudeza, con-
tegando de entusiasmo os tardes da Faixi-
ância, cada qual perturba e decideira na defesa
do seu clube, souberam lá fóra, sob a ordena-
gão e o comando do professor de educação
física, Daniel Leite, avançar o triunfo, com
palmas oficiais para na volta apresentarem a
ilha, tão animosamente à sua espera.

A gente do Minas, em nossa compacta
e barulhenta, marê cheia que se estrassou
ao choque de acenentamento, foi apagá-las
ao auxílio, com música e alegria. E o Clube
Municipal, compreendendo que o sucesso ter-
ha reflexo e projeção porque era a própria
alma da cidade a vibrar e a manifestar-se,
também dispunhe muito e estima a nossos
jogadores, abrindo-lhes a porta da casa e assegurando na paixão expressiva do seu
vice-presidente, Dr. Manuel Rodrigues.

Secundando-o, o Dr. Sárrates da Costa,
que dirigia a Associação Desportiva de Bar-
lavento com aprego de gogos e de troianos,
coincidência verdadeiramente notável e difícil
de acontecer na vida desportiva e no mais,
falou por sua vez aos futbolistas, pelo que
o atleta Daniel Leite, apesar de conseguir da
coragem e da comunicação, teme que
improvar, e fê-lo com felicidade, o inacerta-
tível discurso de agradecimento.

Assim, com o fecho da jornada tão entu-
aisisticamente vivida, se completou a missão
da nossa embaixada à Guiné.

Ou qual um proveito futuro se possa co-
her desse contacto entre as duas províncias,
estabelecido agora por intermediação da sua
municípeidade. E que desse contacto também
se venha a afirmar um entendimento melhor.

A Guiné, separada de Cabo Verde pela
interposição do mar, está estreitamente ligada
a nós por vínculos que se não apagam fácil-
mente. E que no seu passado, na sua história
e na sua formação temos sido os colaborado-
res e a presença que não esquecem.

A propoósito de uma notícia

Lá nesta revisa a notícia da inauguração,
levada a efeito na biblioteca hospitalar da
Praia, dos retratos dos Drs. Manuel da Costa
Lorono e Júlio Barbosa Nunes Pereira. Ass
sim se homenageou a memória de algumas das
ilustres médicos que deixaram assimilada
passagem pela chapeia dos serviços da saúde
e pelo arquipélago também, durante longos e
casados anos de uma profissão exercida
prestigiosa e desinteressadamente e de uma
vida vivida com a preocupação de bem ser-
vem.

Reproduzo a notícia para fazer lembrar
agora uma outra figura de homem, que eu
conheci, médico igualmente, não menos ilus-
trado, não menos desinteressado no exercício
da profissão, cidadeado não menos prestigioso.

Refrero-me àquele que, durante longos anos
autênticos, foi o cênico governador da gente de
Santo Antão, sua terra; àquele que, mesmo
velho e fatigado, lêia, pacientemente, sem
commerciamentos, pelos pórrios e distantes
caminhos da ilha, em socorro de quem o obs-
nasou; refrero-me àquele cuja vida foi uma
dura cruzada de canseiras e sacrifícios, cuja
existência teve essa finalidade profundamente
humana: ser útil; refrero-me àquele que, sendo
espirito superior, senso a preocupação de o ser,
talvez mesmo sen a sober, nos aparecia assim
tal qual era, despido de artífices, fotogra-
fa o na sua alma simples, no seu sorriso de
filosofia bonacheirosa, na sua fala de o via
divertia; refrero-me ao Dr. Joaquim Emere-
valdo Nobre.

E vem tudo isso à baixa para sugerir à
ilha de Santo Antão que a sua memória me-
rece uma lembrança também.

Jorge Barbosa.
Crónicas de S. Vicente

O Porto Grande e a Shell

Pela terceira, e julgo que não a última vez, trouxe a estas crónicas um dos problemas do Porto Grande. É que tudo o que lhe diz respeito está intimamente ligado às condições e ao futuro da nossa vida económica.

Agora, porém, não pretendo insistir nas obras portuárias, com as quais, aliás, todos nós, optimistas e esperançosos, contamos e contamos, dado o viésulcre, que já se desejava, de primeiro passo na realização e sabido também o propósito de Sua Excelência o Ministro do Ultramar e o seu interesse pelo empreendimento. Não pretendo, pois, repetir o assunto das obras, escrevendo a pressa que há delas se efecturaram, ou, de olhos em dias de amanhã, prever as suas consequências prováveis.

O que desejo é trazer de novo à discussão, o outro aspecto do caso Porto Grande, que se refere à actividade da Shell, aspecto extraordinariamente palpável.

Ora, eu já havia formulado interrogativas, alarmantes, quanto à actual capacidade técnica da Shell, em relação às suas possibilidades de cumprir um fornecimento normal de óleo combustível, em espaço de tempo considerado razoável, de modo a não denegrir a navegação além das horas que foram os normais. Isto vinha do propósito do transatlântico Vera Cruz, cujas escalas por esse litoral, estavam condicionadas à prestesia do seu realabastecimento. E o Vera Cruz foi um exemplo que se nos apresentou.

Vejamos os números que me fôr possível obter, com referência ao fornecimento de óleo, feito pela referida companhia a esse vapor: da primeira vez em que tocou aqui o Vera Cruz, recebeu 1.753 toneladas em 8 horas (média de 219 toneladas), da segunda vez, 2.060 em 10 horas (média de 206) e da terceira vez 2.023 (média de 169).

Segundo fui informado, os lanchas da Shell mais não poderão fazer porque o ori-
Homenagem ao Governador da Província

Teve um sentido, além do significado oficial, a manifestação feita no dia 26 de Julho a S. Exe. o Governador da província por centenas de pessoas que o foram cumprimen-
tar e honraram-lhe no comemoração do ter-
ceiro aniversário da data em que iniciou as suas altas funções.

A afligência impressionou, pois, pelo nú-
mero de componentes que a animaram — deput.
ados Sr. Dr. Duarte Silva, Corpo Consular, ele.
mento militar, professores, representantes dos forças vivas, funcionários e grande massa de trabalhadores que marca o nota
dominante do acontecimento.

Se a homenagem tivesse como ponto de par-
tida um aspecto que se prendia na rotina do
comportamento protocolar, mas mesmo assim
com significado porque se prestou para a renda
do seu Governador reunir tanta gente, de mais
variadas condições; se ela começou por ser
cortesia, nem por isso deixou de ter deri-
vado na sentida homenagem ao homem que —
e de justiça reconhecer — se mostra amigo
da todos nós, não só pelas palavras de grati-
tação com que nos tem habitado compreender e
apreciar, mas porque, outros são, em ani-
mado e estimulando as nossas iniciativas,
apoiando com interesse os valores culturais
da nossa terra, desenvolvendo com espírito
pieroso os meios da proteção à pobreza,
encorajando, em suma, com a sua assistên-
cia, os nossos momentos de tragédia (relemb-
bro agora a sua proxima presença na ilha do
Fogo, quando da erupção vulcânica, percor-
rendo os sitios de maior perigo, abraventando
e coragem abalada do povo, naqueles dias
expansivos de pânico em que o vulcão, der-
romando lavas, antecipava povoados, cidades
e zonas a ela).

Concluindo, permita-me dizer aqui a quem
dirige os nossos destinos que esta homenagem
e as outras que lha tem sido prestadas, não
só véem a entidade que é merecedora delas.
Vêem igualmente este outro objectivo: —
confrar-lhe vossos ambientes de entusiasmo,
que todos esperamos, da sua acção e conti-
nuidade administrativa, da sua inteligência
e capacidade realizadora, que esperamos, do
magistrado e do homem, o engrandecimento
da nossa terra, com desejo de um futuro
melhor para estas ilhas infelizes.

Rádio-difusão em S. Vicente

Nesta ilha também, desde há longos anos,
em havido desses curiosos partilhios que há
em toda a parte e acompanham, num inte-
resse constante, em experiências dispersadas,
os progressos da rádio-difusão.

Esses nossos amadores, na medida das po-
seisibilidades materiais de realização, certamente
reduzidas, vem construindo, peça por peça,
com sacrifícios, com a sábia paciência das
abelhas, suas pequenas emissoras, as quais,
embora de limitadíssimo alcance, mesmo assim
conseguem ensinar-nos a our, vos alheia.

Na história do amadorismo radiofónico res-
pettante a S. Vicente há que destacar a per-
sestente aplicação do falecido Mário Monte-
luho e de Mendo Borbons, todos os primeiros
tentarem a conseguirem aqui a transmissão
da voz pela telefonia, naqueles tempos de téc-
nica ainda pouco desenvolvida. Eram quase
brinqueados os seus pequenitos postos e to-
dos sabemos as dificuldades que lhes foi
preciso superar para conseguirem a sua con-
strução. Por tais, quando chegaram a nós a
palavra e a harmonia da música que irradiav-
ham, o sucesso tinha saber milagres.

Muito mais tarde aparecia a Rádio Pedro
Afonso que pouco a pouco se foi fazendo
e crescendo, apoiada na tenacidade e nos dis-
pêndios do seu fundador, até atingir a po-
sição que alcançou e lhe deu a nossa sim-
patia. Assentar o ter sempre funcionando a
título provisório e de jamais ter passado, por
farto, da fase experimental, a Rádio Pedro
Afonso, pode-se afirmar, teve ao nosso meio
uma actividade que não deixou de ser prati-
mosa porque com seus programas provou e
sobr acentuando a finalidade, a que se propunha,
de dispensar as nossas canções e o nosso ficlar.

Da Rádio Movel de pouco, infelizmente,
que falar. Nunca se ouviu efetivamente
como estação de rádio, embora a receb.,hezida
loca vislumbre dos seus animadores. De vez em
quando aparece de facto nos ares para a
breve trecho suas emissões perduram a seguin-
cia ou serem interrompidas. Parece, entretanto, que brevemente retornará a atividade, o que será na verdade um motivo de satisfação para todos.

Porém, o que interessa agora a S. Vicente não é o seu passado radiofônico, por certo valioso, se tornarmos em conta o exemplo e as iniciativas quase heroicas que efetivou. Nem é o presente, sem nada de concreto ou de realização positiva. O que lhe interessa sobre tudo é o futuro, mas futuro próximo.

Como sucede na Praia com a emissora do Rádio Clube de Cabo Verde, a qual, diga-se de passagem, sem comprovar bem a sua missão, dentro desse sentido de que a função do rádio não é só recreativa, mas de alargamento também, levando assim, para fora do arquipélago, a nossa voz, a nossa poesia, a nossa música, projectando e valorizando os variados aspectos de nossa rica e da nossa alma; como sucede na Praia, dizia-o eu, Mindelo necessita de uma emissora que se faça ouvir em Luanda, Guiné, em Dacar, em Angola, na América, além ainda, se for possível, para tornarmos conhecida a nossa existência junto daqueles que não somos de nós, para que nos façamos lembrados daqueles que se esquecem de nós e para que, já longe, os nossos patriotas tenham a alegria de nos escutar.

Ora, pode já dizer-se que a construção dessa emissora capaz de ser o nosso porta-voz está marchando para a realização, visto os dirigentes do Grêmio Recreativo de Mindelo, que há tempo vem alimentando a ideia e estudando a maneira de materializar, tomar a esta empreendimento e a sua responsabilidade a realização do projecto que será um largo passo no progresso de S. Vicente. E assim, S. Ex. e o Governador, antepondo o alcance do empreendimento, prometeu apoio aos que tão corajosamente e com tanta fé se abalancem em ir para frente.

Para breve, pois, como se um ano talvez, a ilha terá a palavra.

Através desta então, com as nossas museus e a nossa poesia, o arquipélago encolará a sua melhoria e a sua mais simples mensagem a outras terras e a outros povos.

Inauguração de um parque para jogos

Não são muitas as iniciativas desportivas nesta ilha. Por isso que o que aparecem, quando aparecem, têm lugar a registar e a estímulo.

Quero referir-me à recente inauguração, a que assistiu o Governador da província, de um parque para jogos, da Associação Académica de S. Vicente.

Trata-se de empreendimento com importância e relevo, visto que, além do parque, com seus recintos para ténis, basket, boquey em pista, modalidade esta ainda não praticada pelos nossos desportistas, se projeta a construção de um prédio destinado à instalação do gimnasio.

Na reunião que depois se realizou na sede da Académica, dedicada a S. Ex. e o Governador, ouvimos o presidente do clube, Sr. João Gomes Barbosa, Júnior, depois de cumprimentar o homenageado, tergê o programa que o corpo directivo se propôs executar, programa que, depois de cumprido, representará muito à nossa desportiva da cidade. Respondendo, o Sr. Dr. Alves Roça das, fez a promessa de ajudar, dentro das possibilidades orçamentais, a realização do objectivo que a Associação Acadêmica pretende levar a bom termo.

Ouvi, pois, não estou longe a dizer em que possamos todos apresentar promessa a Académica.

Jorge Barbosa

SANTIAGO: Um trecho da estrada para o Teresópolis.
Crónicas de S. Vicente

102 mil contos

A nova lançada pela telefonia dos cento e doze mil contos atribuídos a Cabo Verde, para o seu desenvolvimento económico, causou arregio de emoção na ilha e cria no arquipélago todo, por se tratar de uma noticia subversiva para quem não estava ainda familiarizado com os centenas de milhar.

A súbita e surpreendente notícia, sentimos-nos aturdidos e desconcertados no começo. Só depois veio o entusiasmo. E é que estamos já quase habituados ao pessimismo e havíamos já quase aprendido a filosofia do fatalismo com as nossas crises, com a pobreza do povo, com a incerteza das chuvas e com a fuga de uma parte da nossa gente para Angola.

Mas agora começamos a prever que alguma coisa está a transformar a direcção do nosso destino que tão incerto se desenhou... E assim confiamos que o plano dessa reconstrução económica, a efetuar-se sem demoras, em todos os sectores, por certo com energia e saber, com fé e perseverança, nos trará todo o conjunto de benefícios que era o nosso sonho.

A voz do país, já designada para o início de uma vida nova e promissora, se bem aproveitada e bem distribuída, como se projeta, pela agricultura, pelas transportes marítimos, terrestres e aéreos, pelo Porto Grande, contribuirá para assegurar a nossa felicidade.

Música & Músicos de S. Vicente

Nunca a música fez tanto barulho em S. Vicente como agora.

Não se refere à banda municipal que tem o merecimento da simpateia, composta como é por crianças que muito se esforçam por compreender o seu dever e a sua vocação.

Refiro-me sim a esses grupos musicais - há exceções certamente. É que se multiplicam pela cidade, primando em tirar estridências dos clarinetes e dos cornetins, em tocar asperos e envolventes os sons dos canavilhos e dos violins, em matrejar pedradas e tambourins (para só falar de tais instrumentos). Tudo este conjunto orquestral, quando se resolve funcionar, não pauta de uma batucada que nem chegou a ser a verdadeira batucada, porque lhe faltou desta a ritmo quente nas acréscimos, o saber, a cor, a violência, o ambiente, o caráter, em suma.

A preocupação dos mencionados grupos é unânime e obediência: imitar a música brasileira. Se apenas houvesse a influência desta, talvez até houvesse provento para os nossos acenantes. Mas tratando-se de uma, especulativa e desastrosa imitação, muito perdem eles em personalidade artística, quebrando assim a tradicional virtuosidade que vem caracterizando os nossos músicos populares. Deste modo os únicos méritos que mostram são da resistência no sopro e da habilidade no manuseio dos deitores.

Chega a ser uma lúgubre ouvir (ouvir? os nossos cantadores, na sua maioria. Não cantam; gritam. As palavras vêm escocadas e inaudíveis. Os violinos e os canavilhos, os desafinados com eles, fazem maior barulho ainda, e de tudo resulta qualquer coisa de tristemente cómica.

As nossas meninas, essas, coitadas, perdem aqui a dogura e a ternura. Esmaldadas e acompanhadas por tantos instrumentos cómicos e sonoros (violino é coisa que já há muito) estão longe das verdadeiras, das personagens nossas da nossa terra. Estas apenas terão aqui alguns escassos e fias toscas.

Mas de tudo o que mais me é estranho é a decadência dos nossos tocadores de violão. Violão para eles já não tem mais a melodia, já não tem mais o ritmo discreto e tranquilo, já não é mais a voz da nossa alma. Violão para eles é algo que serve para castigar os nossos ouvidos.

Fui a Torre, Peniche, e outros mais (felizmente ainda os há) por onde vocês não vêm escutar estes tocadores a marcar no violão. Não é escutando a tocar, que bem é saber, mas é escutando como é que se toca o violão, coisas que ainda não aprenderam. Ou que talvez aí não sejam.
Carta para Jorge Barbosa

Meu caro Jorge

Tenho lido com imenso agradecimento suas crônicas de S. Vicente enviadas ao "Cabo Verde". Tenho-las lido e muitas vezes as releio para melhor apreciar e analisar todo o conteúdo. Confesso-te que tenho gostado da maneira como são postos os problemas de S. Vicente, focando-os de frente e sem rodeios. O "Cabo Verde" ressalta-se da lacuna que vieste preencher, e às nossas leitores os sentimos satisfeitos, tu não deves dar o teu tempo por mal empregado.

Como sempre, voltei ontem a ler a tua crónica de Setembro e, pareceu-me, na parte a que te referes a radiodifusão em S. Vicente, que alguma coisa não estava bem. E digo, pareceu-me, porque estou em crer que talvez não tivesse havido a intenção que transparece da leitura do escrito, e ainda porque... eu não penso na mesma forma.

E sênde vêjamos:

Num período escreves: Como sucede na Praia com a Emissora do Rádio Clube de Cabo Verde, a qual, diga-se de passagem, vem cumprindo bem a sua missão, dentro desse sentido que a função da rádio não é só recreativa, mas de alargamento também, levando assim para fora do arquipélago, a nossa voz, a nossa poesia, a nossa música, projetando e valorizando os variados aspectos da nossa vida e da nossa alma; como sucede na Praia, dizia eu, Mindeio necessita de uma emissora... E logo abaixo escreves: Através desta linha, as nossas marinas e as nossas poesias, o arquipélago entrará à sua melhor e à sua mais simples mensagem a outras terras e a outros povos.

De análise destes dois períodos resulta que, embora o Rádio Clube de Cabo Verde esteja cumprindo o seu papel, esse papel só ficará cabalmente cumprido no dia em que a Emissora de S. Vicente estiver em condições de levar ao mundo o melhor disto ou daquilo que a final será daqui e de acolá — será nosso.

Desculpa-me não concordar com esse ponto de vista. E discordo, não digo com autoridade, mas com a experiência de quem trabalha para a rádio e dentro da rádio há cerca de sete anos. Antes de continuar é bom deixar escrito que sou daqueles que acredita piamente que em Cabo Verde existem muitos valores susceptíveis de serem aproveitados na rádio, como o são nas artes, nas letras e na ciência.

Afirmei-o já num programa irradiado não há muito e no qual para eles apelo no intuito de melhorar as emissões do Rádio Clube de Cabo Verde. Não foi ouvido como desejava, mas os poucos que conseguem têm colaborado não têm desmerecido da confiança neles depositada, e as nossas emissões são hoje escutadas e apreciadas — cá dentro e lá fora — com agrado, merecendo de todos as melhores referências, atestadas pelas inúmeras cartas que em todas as maías nos chegam. E olha que, lá fora, eles não fazem a mais pequena ideia das dificuldades com que lutamos, nem que podíamos fazer melhor... se todos quissem.

E agora, passemos a focar o ponto neuráltico. Eu não concordo que a Emissora que S. Vicente pensa criar e queira Deus que breve seja uma realidade — possa vir a irradiar, nos tempos mais próximos, a melhor e a mais simples mensagem do arquipélago. E penso assim porque — tu não sabes, mas sei-o eu — um programa da rádio não é apenas chegar ao mundo e ser um microfone uma boa poesia, um bom conto ou tocar e cantar uma linda morna. Nada disso, meu caro Jorge. A nossa Emissora Nacional, com uma dezenas de anos de vida, só ultimamente conseguiu apresentar bons programas de rádio, programas que interessam e que prendem o ouvinte ao receptor. Deves-te lembrar que ditas eras apelidada de "A maçãdora Nacional".

Nós — refiro-me ao Rádio Clube de Cabo Verde — com apenas sete anos de existência — sem fundos, sem técnicos, vivendo apenas da boa vontade de meio dúzia de "carolas", vamos já fazendo alguma coisa. Pouco, é certo, para o muito que pre-

xxxix
tendemos. É se temos conseguido agradar, sobretudo lá fora, tal facto só pode ser atribuído aos programas muito especiais que temos apresentado e que têm tido por base a nossa música, a nossa poesia e outros aspectos típicos da vida da nossa terra.

Mas tu não fazes uma pequena ideia de quanta cansaça e de quanto tempo perdido! Quanta força de vontade e quanta persistência são necessárias desperdiçar para apresentar 15 minutos que possam prender o ouvinte. Tu já pensaste no que seja alguém, sentado ou de pé, diante de um microfone, recitando uns versos, sozinho, sem público? Experimenta e depois diz-me se o os nossos rapazes não têm dado boa conta de si.

Tens ouvido, certamente, ler bons contos pela rádio, mas, diz-me: se não houver uma montagem adequada, serás capaz de permanecer 15 minutos escutando um chorrilho de palavras, embora da melhor prosa? Se me não soubesres responder, convido-te a fazer a experiência.

Não, meu caro amigo, para se apresentar um programa de rádio é indispensável que se consiga uma boa montagem e esta não se consegue apenas com boas poesias, boa prosa e boa voz. Não será exactamente a mesma coisa que escrever um bom conto, um bom artigo ou uma boa crónica.

Que seriam os programas «Ouvindo as estrelas», «Domingo Sonoro», «O Teatro das Comédias», «Palavras levantadas o vento» e tantos outros, apresentados pela Emisora Nacional, se não tivessem uma boa montagem? Palavras e mais palavras, frases e mais frases, cujo sentido se perde ao desviamos a atenção para acender um cigarro ou beber um trago de whisky! E não me digam que um bom técnico conseguiu aturar para o ar o melhor da nossa poesia, das nossas mornas etc. etc., porque eu teria de responder que tal facto nunca seria possível sem primeiro se aclimatizar ao meio ambiente, isto é, à índole do povo, da sua poesia, das suas mornas, que são lindas sim, mas muito dele. Tudo isso leva o seu tempo, e tu sabes por experiência própria que muitos chegam desprezando as mornas e sãem — quando por cá passam alguns anos — com saudades delas.

E agora que se expus as razões porque julgo não ser possível qualquer emissora em começo atirar para o ar o melhor dito ou daquilo, vou terminar dizendo-te porque não penso da mesma forma, quanto ao resto da tua crónica.

Julgo que se não deve, agora que a emissora do Mindelo vai ser um facto, cultivar uma malfadada rivalidade Praia-S. Vicente. A quando da partida desta cidade para o Mindelo, do vosso ilustre administrador e meu particular amigo, em conversa, trocámos palavras sobre a grande conveniência que havia na criação de uma emissora em S. Vicente, tendo-lhe eu dito que devia empenhar-se por atingir esse fim, pois eu estava certo que de uma colaboração íntima — com permuta de programas gravados e do mais que possível fosse — só poderiam advir benefícios para Cabo Verde... que não para a Praia ou S. Vicente.

O nosso lêma tem de ser «Aproximarmo-nos cada vez mais», aproximar as nossas ilhas entre si e aproximar de nós os cabo-verdeanos espalhados pelo mundo inteiro.

Com esta carta apenas pretendo, meu caro Jorge, encaminhar mais este problema que surge no horizonte, para um campo diferente do dessa malfadada rivalidade, certo de que unidos faremos muito mais por Cabo Verde.

E essa finalidade não poderá ser conseguida se começarmos por escrever que esta vai fazer melhor do que aquela, quando tudo o que for feito será do melhor e tiver por finalidade «projectar e valorizar os variados aspectos da nossa vida e da nossa alma».

Praia, t. c. Setembro de 1952

Um abraço do teu,

Orlando Levy

A propósito de uma carta

O meu amigo Orlando Levy, locutor do rádio Clube de Cabo Verde, cargo que desde a primeira hora vem desempenhando com embelezado espírito de iniciativa e acertada atuação, ficou ponto de discordância de um período da crónica que publiquei no número 36 desta revista, sobre a radiodifusão em S. Vicente. Dali, escreveu-me por intermédio da Sede do «Cabo Verde» uma carta a propósito, com palavras altas eloqüentes para mim, que antes do mais quero agradecer.

A controvérsia procede do seguinte período, de que nem um escrito, com relação à emissora que se pretende construir em S. Vicente: Até lá da então, com as nossas mornas e as nossas poesias, o arquipélago enviará a sua melhor e a sua mais simples mensagem a outras terras e a outras povos.

Ora, melhor mensagem, sim! Não melhor pela circunstância de ser enviada hoje, mas melhor por si mesma, porque ela é o melhor que nós temos a dar de nós todos — a nossa poesia e a nossa música.

Com aquelas palavras, pois, não pretendia estabelecer confronto apreciativo entre as possibilidades das emissoras da Praia e de S. Vicente ao que concerne à realização e execução dos respectivos programas, nem entre a capacidade direcional dos que, lá e cá, têm ou terão a responsabilidade, não pequena, de fazer da rádio um instrumento útil, de cultura e espalhamento.

Julgo assim que houve um desencanto da interpretação que o meu amável correspondente deu aquelas palavras. Ou teria sido eu que me não expliquei bem?

De qualquer forma, aqui fica este esclarecimento.

Nada aqui acontece

Nós aqui vivemos no fim do mundo. A não serem as secas e mais os nossos dramas de sempre, nada aqui acontece.

Tudo vem atrasado, as modas, a música, os livros, as cartas dos amigos. Apesar do rádio encantar as distâncias, pouco ouvimos as suas novidades. Já há vai o tempo em que às horas certas dos noticiários e fados da Emissora Nacional, dos comentários da BBC, dos sambas desses muitos PR que há pelo Brasil, a burguesia de nossas cidades e de nossas vilas se concentrava, à via de sensações, à roda dos aparelhos. E a gente do povo, curiosa, ficava na rua, de frente das janelas, ouvindo também e comentando com a sua filosofia e a sua ironia os ecos de terra longe.

Agora não. Já não há aquela pressa nem aquele interesse em escutar a telefonia que permanece fechada a maior parte do tempo. É que ela se banalizou demais.

Pois nada aqui acontece. Estamos no fim do mundo, de olhos virados para um futuro que teima em não chegar.

Lá por outras terras há sempre algo de novo: descarrilamentos (nós aqui não temos comboios); desastres de automóveis (os desastres de viagens são raros, graças a Deus, sem nada espectacular); nascem crianças aos pares, três de cada vez, quatro, cinco (a mulher cabo-verdeana raras vezes ultrapassa a casa dos gêmeos).

Por falar de crianças, há também por lá crianças prodígio que regem orquestras, guiam aviões e resolvem cálculos transcendentes de matemática (as nossas, mais modestas, não sabem fazer nada disso; muitas mesmo mal têm tempo para serem crianças,
porque depressa são obrigadas a viver a vida de pessoas crescidas, agenciando por si o pão do dia).

Não há dúvida que nós vivemos no fim do mundo. Nada aqui acontece. Nem aparece por este nosso céu um disco voador ao menos, desse que dizem vir de outros planetas e são coisa hoje tão corriqueira pelos céus da terra. Será que já não temos esse? Ou que lá nos outros planetas não sabem do nosso pobre recanto? E como poderiam saber de nós se este em que vivemos não sabe de nós?

Serviços

Mais algumas centenas partiram, rumo a S. Tomé.

Dizem que é uma triste a partida dele. Eu nunca assisti. Para quê? Que lhes poderia dar com a minha presença? Que palavras lhes poderia dizer para que a saudade dele fosse menos punente e o seu optimismo mais vivo? Que palavras lhes poderia dizer para com elas suavizar o peso que suportam no coração e tornar-lhes mais viva a esperança que têm na alma.

Sei que levam visitas e cantigas pela viagem. Mas não julgues que são consteladas choramingas estas músicas que vão cantando. Pelo contrário, são as nossas mornas, quase sempre irônicas e contentes. O que poderão acontecer é que a vez, mesmo na alegria, traiça qualquer coisa que ficou lá no fundo...

Navegador solitário

Vi-o desembarcar no cais, sorriente, espantado, de barba crescida, com um pequeno cão o único companheiro da viagem —erguido nos braços como se fosse uma criança.

O naviozinho, elegante, de mastro alto, balançando com a precisão e o ritmo de um pêndulo, ficou fundeado perto, a descansar da viagem que teve a longa duração de três meses oceânicos duros de passar.

Que misterio, que insensos de amor ou da vida motivaram tão louca aventura?

Pretendi entrevistá-lo mas não o consegui. E que me diria o navegador solitário? Talvez coisas que eu já soubesse pela vida e pelos livros, mas que mesmo assim teriam um estranho sabor a poesia.

Vi-o depois outra vez no cais, quando de novo partia. Mas não era já no barqueto da viagem aventurosa através do atlântico. Deixou o terminus desse sonhado percurso, regressava simplesmente, confortavelmente, ao porto da partida, a bordo de um paquete.

A barba estava já esbanhada. O pequeno cão abanava a cauda.

O naviozinho, agora sem mastro, carregava apenas, contínua fundeado, como destroço abandonado, no mar da baía.

Jorge Barbosa

Ilha de Santiago — Praia

Fonte-cais de S. Januário

In Cabo Verde: boletim de propaganda e informação, Praia, A. 4, n.º 38 (1Nov. 1952), pp. 21-22.
Ecos das chuvas

Há dias que a chuva vem caído contínua-
mente sobre a ilha. Parece que nunca assim
desabou tanta água em S. Vicente.

Alagadas, mal ofrecem as ruas uma pas-
sagem segura ao transeunte. Este, porém, de
qualquer forma há que seguir, esquecendo-se
com profusão das poças traiçoeiras, saltando
em balanços gínticos as valetas que a cor-
renteza alerta periódicamente, patinando
com inesperada agilidade sobre tampoas escor-
regadas, defendendo-se, enfim, das rajadas
de lama que as rodas dos automóveis vão
metralhando para os lados, no seu trajeto
veloz por entre as águas.

Renegado ou heróico, indiferente ou opti-
mista; contrapondo a coragem dos impermea-
bles e a cápsula dos guarda-chuvas à força
dos aguaceiros, o transeunte há que seguir
sempre, vencendo os elementos, a caminho
do emprego ou de regresso à casa, trocando fra-
ssas circunstâncias de bom humor com os
companheiros da dilúvia aventura.

** **

Os largos vão no entanto ao mais distante
de passar. Formam nestas dias plurais ver-
daos lagos, profundos e berrantes, de
modo que transportam sem qualquer ajuda a
temeridade somente para os audaciosos. Mas
o peito cauteloso, que bem dispõe as fortes
semelhantes, confia-se com a água caval-
gada nas costas de homens seminuas que
assim repetem a fagunha de São Cristóvão,
a cincuenta centavos por traversia.

** **

O povinho, que não tem com quem enfrentar
o acontecimento, apaga-se à sua filosofia
conformada, não se rolando. E corre a ci-
dade e os subúrbios de ponta a ponta, bar-
bantemente, de pernas ao lodo, desencadando
as géldias chicotadas das bôrregas, dir-se-á que
intransigível aos colários das roupas enxopadas
e grudadas aos corpos.

** **

Há casas de gente pobre desmencionadas ou
inventadas pela violência persistente das águas.
Mas os moradores prontamente encontraram
remédio para o percalço e: continuar há
dentro mesmo assim.

Ainda agora em que ainda há esta crónica,
 já tarde de noite, a chuva continua.

Prevenindo então, contente, a fartura da
terra depois de tão copiosa rege. E vou sen-
tindo também, levvemente, brandamente, um
revestimento que está principiando pelas
vítuulas, uma gripezinha que vem chegando
de vago por em espíritos espaçados,
da dor os finas, desfazida, no fundo da
 garganta...

Por associação de ideias, fico a pensar na
previa meteorológica para amanhã, que a
radio há bocado anunciada. — Possibilida-
des de precipitação!

E não tenho em casa uma pastilha de as-
pirina sequer!

A chuva continua, mas agora mais leve,
mais branda, quase melasmólica.

** **

Mar Novo

Há agora mais um veleiro motorizado em
Cabo Verde, o Mar Novo, que o muni-
cípio da ilha destina ao transporte da afe-
nada água da Ilha (em Santo Antão) para
S. Vicente.

O barco ainda não entrou na sua verdade
reira atividade. Faltam-lhe os tanques, que
se vão fazer, e faltam ainda na cidade e nos
subúrbios os depósitos e a canalização para
receber e distribuir o precioso líquido em
vários pontos do Distrito, de modo que a
saúde e a higienização da população sejam satis
feitos com consolidade e economia.

A Câmaras, entretanto, está em plena acção
e é de crer, a avaliar pelos ânimos do seu
presidente e demais seus, que em data não
distante tudo estará completo, resultando
cois o sucesso que todos nós desejamos.

Por enquanto o Mar Novo vai se in-
grandando os mares das ilhas, tendo já prestado
na cidade hospitais de serviços preciosos, transportando
passageiros e cargas com rapidez.

Esperemos com paciência que o município
nos dé mais água e que no-lh posta, sendo
dentro das casas, como na Praia, ao menos
ao pé daí, com a garantia da sua quali-
dade e da sua abundância.

Jorge Barbeza

Crónicas de S. Vicente

Véspera do Natal.

Já as mentiras apresentam todo um arsenal de brinquedos. Ações cujas hélices giram velozes e deixam um zunido no ar, com todos e automóveis de cordas, paquetes que parecem. Há bonecas que dizem mamã, soldados de chumbo marchando, de espíngardas a ombro, no compasso de marchas guerrilheiras, ou então a cavalo, de espada alçada numa carga heróica. Há animais de espécie variada: urus ferozes e felinos, mas afinal tão mansos, manacos articulados e hilares, serpentes de movimentos coleantes. Há os mobiliários minúsculos, tão tentadores para as pequenas damas de casa: camas, sofás, cadeiras, guarda longas, pianos, fogões, máquinas de costura, cozinando de facto.

Sem lâ! Há de tudo, a lista é longa!

A criança fica fascinada, sonhando com o velho de longas barbas brancas que chegará de maneira, pela calada da noite, trazendo à costa um saco cheio daqueles coisas maravilhosas.

Pétriha, trazendo apenas uma camiseta sobre o corpo magro, contempla o pistoleiro à cov que dispunha a estrondeia, como nas fãs do Eden Park. Mãos ao alto! Pum! Pum!

Há também os monstros, não menos tentadores, das coisas e dos vivos. Bruxas, nossos, cães, lobos, aves, presunços, chichos, champagnes, Porto, whisky, gin.

Mendigo, você que já andou por mares sem fim, por terras tão onígeras, que faz al abrigo? Lembra-se talvez de que já provou de tudo isso...

Paz Natal, fê por favor o pistoleiro ao Pé triha. Será o fim do mundo! Mãos ao ar! Pum! Pum! Pum! E ao mendigo de o que ele pretende ali da mostra. Talvez champagne, quen o sabe!

Dê a todas as crianças, pequenas e grandes, o que elas desejam receber na noite do Natal.

Para mim também lhe faço um pedido, Nem é brinquedo, nem é comida, nem é alnheiro. Não se vende nas lojas. Não se guarda nos bancos.

É uma coisa que certamente já adição, já que lê os pensamentos. E talvez até me atenda.

O milagre de vocês acontece.

Nota sobre Januário Leite.

Editado pela Associação Académica do Mondo, foi recentemente publicado o livro Poesias do malogrado poeta cabo-verdiano Januário Leite.

Creio que houve a intenção de se fazer antologia e esta, se porventura não nos trouxe o melhor do poeta, conseguiu entretanto, mostrar-nos o cantor e o seu lírico, que era o eco afinal desse lírico de então, todo imagens decorativas e literárias, para o qual o clima poético da época preparara e estabeleceu, num ajustamento de esparsílio, os moldes de expressão.

Ora, na verdade, assim, a poética de Januário nada nas sugestão de característico. Nem sentimos pela marca de uma personaliedade, nem através delas ouvimos a ressonância de vozes interiores.

Entretanto, ao lermos a sua poesia, apesar de deslocada dentro do nosso tempo, apesar do seu reduzido interesse, poesia, por isso mesmo, já sem audacidade e projeção, não deixam de nos enternecer, aqui e ali, a ingenuidade e a ternura, a discreta brilhante desse poeta que viveu a vida boêmia e sofrenda de tantos outros poetas seus pares.

«Se há grandes dores, foi a minha intenção...»
Depois das chuvas

Graças a Deus que o ano promete fartura. As chuvas, excepcionais, embora os inevitáveis estragos que motivaram, garantem já alguns meses pelo menos de vida despreocupada e contente.

Multiplicar-se-ão os bailes e a voz dos instrumentos, mais viva e mais sonora, animará a alegria do povo. Nas festas haverá fogueiras, o greg falará alto e os cavaleiros cruzarão os caminhos das ilhas, em louca correria, montando cavalos fogoos, equilibrando-se, arrimados, no dorso de mulas respingadas.

Mas, infelizmente, nem sempre poderá ser assim... Aos anos de bons águas sucedem-se, inexoravelmente, os anos angustiosos das seca parcial ou total. É deste modo a tradicional tragédia da estiação—responsável por tantos flagelos!—torçará a caír sobre o povo e de novo o obrigará ao exodo, rumo a S. Tomé e Angola.

Porém, há remédio para o mal. A modificação das nossas condições climáticas, por um sistema de arborização mágica, seria a maneira, cientificamente prescindida, de se atraírem as chuvas. Este remédio, que está sendo estudado, vem recebendo, agora mais do que nunca, a atenção do governo. Mas, mesmo assim, é de se esperar que a sua aplicação seja quanto antes, já que a ele se destina uma parte do empréstimo dos 102 mil contos destinados ao fomento da província.

Os superiores interesses humanos e patrícios aí estão e que exigem, pois, que se ponha em marcha, sem tardança, a execução de tão importante projecto, tanto mais que, por sua própria natureza, levará tempo, evidentemente, a chegar ao seu termo e a atirar os seus efeitos.

Jorge Barbosa

Ilha de S. Vicente—Boa das Gatas

Crónicas de S. Vicente

Nós e Gilberto Freyre

Com este mesmo título, inseriu o mensalista mocambicano Império n.º 14 e 15, a entrevista, já celebrada nestas ilhas, que o sabio sociólogo brasileiro concedeu ao jornalista e escritor Virgilio Lemos.

Trata-se, aliás, mais de referências à conversa marcada por ocasião de um jantar oferecido a Gilberto Freyre, do que propriamente de uma entrevista.

Neste documentário fala-se de nós, isto é: dos homens de letras de Cabo Verde.

A pergunta do jornalista — qual a sua impressão sobre os homens de letras de Cabo Verde? — respondeu o autor de Casa Grande e Sennala:


Uma literatura própria, diferenciada, não se cria pela insistência na escolha de temas locais. É necessário ir mais longe, trazer esses temas para o plano universal.

Ora, não sei se Gilberto Freyre terá colhido elementos informativos suficientes para fazer aquela tão rápida análise das pessoas, bem poucas por sinal, que em Cabo Verde se dedicam às letras.

Veja entre nós, como não podia deixar de ser, passagem de bem curta duração. Seus contactos conosco foram limitados e poucos. Desta modo não se me figura que tivesse conseguido tempo e vigor para penetrar o cenário literário cabo-verdiano, saber das realizações e conhecer as possibilidades e os projectos dos nossos escritores. Falta-lhe, pois, pelo menos assim penso,

um conhecimento mais amplo, sendo mais directo, de nosso meio intelectual e outros sim de outros pormenores da nossa vida, necessários à informação e à objectividade do seu tão conclamada viagem pelas províncias do ultramar.

Como terá sucedido em vários climas e em várias épocas, terá sucedido no Brasil também, não é caso invalar os escritores e as literaturas sofrerem influências de outros escritores, mesmo na sua fase de renovação, em que se iniciam, portanto, novas rotas, diferentes das seguidas até então. Assim aconteceu com os modernos homens de letras de Cabo Verde, quanto à influência da literatura brasileira a que se refere Gilberto Freyre. E se ainda nos alongássemos em considerações sobre influências literárias, talvez até pudéssemos imaginar que o processo adoptado pelo ilustre escritor brasileiro nos seus estudos etno-histórico-sociológicos, que lhe deram tão justamente o renome internacional que tem, foi inspirado, ou influido, pelo que antes fizeram um Nina Rodrigues ou um Artur Ramos, por exemplo.

Influência da literatura brasileira teria havido, por certo, nos modernos escritores cabo-verdeanos, que por estas paragens se lançaram na aventura da produção literária, sem amparo, diga-se de passagem, sem qualquer estímulo, já não digo material (nem pensar n'isso é bom!), mas de compreensão e carinho. Tal influência resultou sobretudo do exemplo dos escritores brasileiros ao se debuçarem sobre a terra natal e sobre a gente irmã, onde foram encontrar os temas das suas obras. Dêles aproveitamos, pois, a descoberta e a experiência que nos contagiaram com o seu entusiasmo de coisa nova. Para mais, há a já percebida entre o poivo de Cabo Verde e gran-
des sectores do povo brasileiro. Formação
dinâmica e quase idêntica, de raízes
africanas; civilização lusitana comum;
dramas aqui e ali correndo-se (as
secas com os seus flagelos); encontros foli-
cênicos, digamos assim (a cantiga, o vio-
lão e até certos aspectos de vivência); to-
dos esses passos acertados, toda essa con-
jugação de expressões humanas, predi-
spondendo a uma compreensão e uma solda-
riedade sentimentais da nossa parte—
teriam influido em nossa influência... O exemplo,
registo-o, do ensaísta, do romancista e do
poeta modernos brasileiros fez ecoar em
nós, com a sua novelty, um ardor novo
que nos animou a outras idéias e a uma captação
de outros caminhos. Mas essa influência não
foi, como diz Gilberto Freyre, prejudicial
entre nós. Antes ainda lhe beneficía. Nem
foi tão dura; de resto, porque depressa ouvi-
somos encontrar o nosso próprio caminho,
embora tivesse ficado em nossos escritos,
por coincidência de reações, alguma par-
rencia com a literatura brasileira. Uma
parvença de família...

As contradições que supõe o autor de
Sobrados e Mucambos, nem sempre insinu-
timos nos temas locais; nem procuramos,
neles apenas, os motivos das nossas produ-
ções. Mas assim mesmo, com o seu ponto
de partida climático, com as suas raízes
apropriadas na terra mãe, com as suas
vozes ecoando ansiosos e vozes das almas
irmãs na que nos rodeiam, de nossa produção
literária ter tido projecção e universaliza-
dade. Assim mesmo a souberam sentir e
compreender quase todos que receberam a
nossa mensagem e sobre ela se pronuncia-am em Portugal e no Brasil.

O grande sociólogo brasileiro, que todos
nós, de há muito, estimamos e admiramos,
ão tem raiz!

Registo

Não são muitas, infelizmente, as expres-
sões e as afirmações da vida e do pensamento
caboverdiano dignas de relevo. Estimamos,
algunhas existem e e entre elas é para se des-
tacar a realização, ainda pequena, embora,
ainda mal começada, seja, dos nossos moder-
nos escritores, a qual mesmo assim vem con-
tribuindo para termos algum prestígio lá fora.
Digo isso tomando em conta o que a propó-
siço já disseram de nós pessoas várias, com
nome e responsabilidade dentro das esferas
culturais.

Que eu saiba, nunca alguém se lembrou
nesta ilha de dactilografar cópias de qual-
quera das muitas referências elogiosas feitas
a nós, em jornais, em revistas, em conferên-
cias e em livros, com o louável e patriótico
intuito de as fazer distribuir por quanto se
interessam pelas coisas espirituais, sem de
acopiar, com o mesmo objectivo, qualquer escrito
nós.

Pois basta que se lembresse o grande so-
ciólogo brasileiro Gilberto Freyre de prever
a nosso respeito o desagradável comentário a
que atrás me refiro, para lhe aporcer quem
se propusesse ao trabalho de o copiar e de o
por a circular.

Não pretendo tirar conclusões do caso mas
apenas registar-lo.

Ser caboverdiano de vossa é um mal, por-
quê de vossa deí...

Jorge Barbosa

---

CABO VERDE

BOLETIM DE PROPAGANDA E INFORMAÇÃO

À venda em todas as ilhas, nas Administrações dos concelhos.
Em Lisboa, na Agência Geral do Ultramar e nas outras províncias, na respectiva
Imprensa Nacional.

---


xlvii
Crónicas de S. Vicente

Funcionários da Shell no Mindelo

Estiveram recentemente em visita à Shell, com alguns dias de demora na cidade, cinco altos funcionários da Companhia, entre os quais o seu gerente em Lisboa.

A visita, pela sua surpresa, pelo número dos componentes que lhe dera rezeio, impressionou a população que logo vêcia algo de importante em curso, com respeito ao Porto Grande.

Porém, nada se sabe ao certo. Mas algum opinião seceu animando o espírito de quantos anseiam por ver a Shell dar impulso à sua actividade como redutora de combustíveis à navegação nesta ilha, o que representaria momentos mais ricos para a vida económica da Província. Essa actividade, sem o propósito disto-lo, quase tem sido igual, todos os anos, desde há muitos anos, de forma que até se poderá supor que ao Porto Grande está prevista a sua casa nos fornecimentos de óleo às embarcações.

O que admirar de tal visita? Já a Shell ampliar as suas bateolas, aperfeiçoando-as, melhorar, construir mais depósitos de óleo? Aumentar o número das suas lançadas? Chamard, assim, mais vapores à baía?

Aguardemos, constantes.

Ti Lopes

O meu amigo Ti Lopes (o nome é inventado) é pessoa que anda já por muitos terres de além mar e tem, portanto, coisas várias a contar das suas viagens e das suas aventuras.

Considera-se, apesar dos 70 anos ainda viúpos, um reformado da vida, viste apenas por causa da pessoa esclavizada (foi naquela neve temporárias e bordo do Atlântico...) que lhe é agora estorva na continuação das suas andanças pelo mundo. Assim, tem que se contentar com esta forçada paragem em S. Vicente, até chegarem os seus pés ao último polo.

Filosofa à sua maneira, conforma-se sem lamúria, com o que lhe permite o migado

rendimento, que ainda assim vai chegando para uma canhupa e algum prog de vez em quando.

A sua paixão é a política internacional cuja marcha seg-sé pelo jornal, que parente amigo lhe envia da América, e pela rádio, que ouço em casos de um vizinho.

Costuma conversar com Ti Lopes e os grandes acontecimentos mundiais têm existência na baía. Bomba atómica, de hidrógeno, guerra da Coreia, a espionagem; a Rússia, Stalin, são os assuntos favoritos quando Ti Lopes não se encontra na disposição de acoreentar mais um capítulo das suas próprias histórias de velho marítimo, que um dia hei-de recontar.

Ti Lopes faz-me o favor de ler as minhas crónicas no Boletim Bahia Verde mas algumas vezes não está de acordo comigo. Costuma sugerir-me os assuntos que nem sempre posso aproveitar.

Já me pediu que falasse do Porto Grande, do curso da vida, da mistéria do poro, da má criação da guartada, das contribuições, da falta de trabalho, da emprego para S. Tomé, das estradas... eis lá! Se fosse enumerar tudo quanto o meu amigo me tem pedido que escrevia neste recanto a lista seria longa.

As vezes nem pede. Impõe. Ponha isso preto no branco! Dé pra baixo!

Numa tarde desta acasou fom-me encontrar com Ti Lopes na Praça Estrela. E desfechei-lhe a novidade: Stalin morreu! Mas o meu amigo, que estava já ao facto da notícia, acoreentou:

— Agora é que você vai ver! A guerra! Os Estados Unidos aproveitam a conjunção que haverá na Rússia, de sentimento entre os políticos que desejam ocupar o posto de Stalin, e vão! Arreiam algumas bombas e a coisa começa. Ponha isso no Boletim.

Ponho. Mas quem sabe: Ti Lopes é que díses.

Jorge Barrosa

In Cabo Verde: boletim de propaganda e informação, Praia, A. 4, n.º 43 (1 Abr. 1953), p. 12.
Doc. 13. O Caboverdeano e o Mar e o Caboverdeano e a Árvore

O caboverdeano e o mar

Apesar das nossas cantigas, das nossas danças, do nosso espírito folgado e tagarela, do nosso otimismo de sempre, nem é fácil, nem é fez, a vida nestas ilhas.

Não derrom muito os nossos momentos de alegria, nem são longas as horas da nossa tranquilidade. Se não é a estiagem, com as suas terríveis consequências de amarguras e de árido para São Tomé, é o mar que nos traz o aflição e a tragédia.

Povo ilhéu, de navegadores por isso mesmo, os canhões marítimos são também os da nossa vida.

De vez em quando ressoa o alarme pelas ilhas. É um desses nossos barquinhos de pau, frágil, mas valentes e decididos, que pela deixávamos em chegar ao porto do destino ao supor já perdido por sobre a imensidão do oceano. Porem, na verdade, com a ajuda de Deus, apela das angustias e da inflação, de fonte e de sede, a aumentar o desespero da navegação sem rumo, à mercê dos ventos e das marés, é ver ter algumas; quase sempre, sem maiores, sem velas, à África vizinha, ou ser encontrada, a caminho forjado do Brasil, por algum navio providencial.

Mesmo assim, nesse viajantes habitados pelo arquipélago e pelo costa africana, não for- mos poucos os navios caboverdianos que para sempre desaparecerem, nem foram poucos também os que nossas rotas da América ficaram repartidos, não se sabe em que profundezas do mar.

Outras vezes é um bote mais que não re- grasseu do pescau, com as seis pessoas que levava, entre elas dueto três crianças (pais e filhas acarreados na luta pela existência).

Um bote a menos, seis viúvos-a-menos. Mais uma crónicas, de conhecida solidariedade, na nossa imprensa. Mau um comentário triste nos programas radionos. Uma subação ao mais E depois o silêncio. És o balanço melancólico do acontecimento!

Pod, como diou, apesar das nossas dan- cas, da nossa música, da nossa alegria, do nosso otimismo, nem é fácil nem é fez a vida nas ilhas, vivida assim na incerteza do terra com os seus frutos e na segurança do mar com as suas promessas.

O caboverdeano e a árvore

Acha por vezes algumas grupas quando alg- gum me diz que o caboverdeano é um tímido, um destruidor sistemático e destrador do deserto.

Este apogu, aliás, faz já carreiras e riocas tradição. E quando as escolas plantam ár- vores e os homens se decidem a articular com palavras próprias da circunstância, o exemplo daquelas e o incentivo destes, com maio ou menor retórica, não são apenas para in- dicar que um futuro melhor não o podermos conseguir por nós mesmos, reorganizando as ilhas, tornando-as terra de vegetação arabe- rantu, como passivamente eram nos tempos antigos, antes da desordem, mas também o gesto das escolas e a proeia dos animadores do político forestal servem para, tânto ou expressamente, se remover a ação feita ao caboverdeano pelo seu vandalismo destrui- dor. Assim ele, o monstro, é responsável pela escrava, pelo deserto confrangedor, de tantos e tantos trechos das nossos campos, do que adm, segundo os entendidos, condições climáticas desfavoráveis à agricultura e à con- sequente precipitação das chuvas.

Ora, nada mais injusto do que essa já pro- verbal acusaçã. Ninguém mais do que o caboverdeano sente e ama a árvore ou mais do que ele aprecia a sua frescura e o seu abrigo; ninguém mais do que ele sabe que o que tem de gosto uma senhora de baixo da sua sombra, pelos calores de Agosto, ou melhor do que ele é o que vê e ouve essas reuniões domes- ticas, sob a sua copa, com as infláveis e renhidas partidas da beca e do urim, animadas pelo proy falador. Ao caboverdeano não falta o amor à árvore, não! Ao cabo- verdeano e que lhe falta é o combinament. Nenhum sempre tem ao pé da casa a freira, a lanterna, o tortolho, onde vê tirar a lenha. E a lenha é a grande necessidade da gente que vive e trabalha por esses interiores. E nesse sentido estamos que a árvore sem sendo sacrificada, dia a dia.

Eu queria ver um desses que apodaram o nosso povo de destruidor da árvore, reduzido a pobre homem da lavourea, morando, com a família, em pleno campo, mas longe da freira, de lanterna, do tortolho. Reconstruímos o quadro. Em frente à casa a árvore mais bela, a mais frondosa dos arredores; com décias de vida e de imponência. Lendo de manhã, a mulher a reclamar a lenha para o cuscus e para o café, mais logo para a cachupa. E a lenha fica tão distante, a sua aquisição é tão difícil, tão cansada, tão cara... O nosso homem olha melancólico a árvore de frente. Talvez um ou dois ramos não façam mal e ela ainda presta-se de ser podada. Mais um ou dois rebates de consciência, e sim! A foca sempre cortou os dois ramos. Não pre- cisava mais do que começar. E dia após dia, ramos aqui, ramos acá, primeiro a foca, depois a serva, depois o machado... Três, quatro, cinco dias a árvore mais frondosa e mais belo dos arredores!

Assim, meus amigos, é que o caboverdeano se apresenta tímido e destruidor da árvore, — para defender a sua própria existência.

O combustível é como a água, como o ali- mento, como o sal. Sem ele ninguém vive, nem pobre, nem rico, nem sabio, nem filhojo, nem santo, nem poeta, nem mesmo os homens que andam escrevendo e dizendo que o caboverdeano desana a árvore.

Afião dizem e escreverem tanto em prol da nossa reaorganização, mas esquecem-se de de- fender a importação intensiva da lenha e a sua venda, um básico preço, por todos os re- cantos das ilhas.

Escolas, plantai! Gente de boa vontade, plantai! Não árvores olhando a lanterna, o tortolho, a freira, também. Talvez assim Cabo Verde seja mais feliz.

Jorge Barbosa.

A propósito de uma palestra

Com as chuvas, vem a alegria dos campos verdes, o milho ebrodando com as suas promessas, a fartura, enfim. Também a malária, nossa doença número 1.

Somos assim: se não chove, o fílapelo das secas. Se chove, o paludismo, flagelo outran-sim. Felizmente que haverá remédio para um e para outro.

1952, refer-nos apenas a S. Vicente, se bem que poderia falar das demais ilhas, foi de chuvas abundantes. Desde 1919, há pois 34 anos, não se registava tão grande pluviosidade.

Foi água que Deus mandou! Formaram-se cascata cujos brotos ainda hoje correm pela Ribeira Bote; em toda a sua extensão, descem pela Avenida da Pontinha, cortam a Rua do Coco, mesmo junto à Praça Estrela, contornam esta pelo Sul e Oeste e enconso-nham-se, pela Praia Coré, para irem desa-guar no mar da baía.

Sítios onde nunca se semelhou deram frutos. Mas dos terrenos alagados o cancofeles fez pousar e ao lado das sementeiros dos homens fez também a sementeira das suas crias, que viriam depois, zumbindo pela noite fora, per-turbar o sono das gentes e inoculá-las no germen da malária. E assim começou breve a deminhar, com fundos sombrios, o quadro ameaçador do mais intensivo surto paludístico da história minidense.

Mas guia a Providência que no momento mais oportuno chegasse até nós o Dr. Ma-

uel Meira, médico do Instituto de Medicina Tropical, que veio à província, pela terceira ou quarta vez, em missão de estudo daquele organismo científico. Posto inesperadamente em face da epidemia que sucedeu o primeiro passo da sua propagação, esse homem mal tinha tempo para arrumar a bagagem e logo tomou posição na luta para combater o mal terrível que, se lhe deparava e que depois acabaria por dominar. Infatigavelmente, quase milagrosamente, soube multiplicar a sua actividade, em dias e noites de trabalho inacessível, dando consultas, tratando doen-

tes, fazendo investigações laboratoriais, visitando as casas da cidade, percorrendo, um por um, os recantos da ilha.

Mas ouçam-nos, através da eloquência dos gráficos e dos números que nos apresentou, durante a palestra proferida nas instalações da Miséria, em 9 de Junho último.


embro de 1952, 2.628 nos três primeiros meses de 1953 e 206 de 31 de Março a 9 de Junho deste ano. É bom frisar, para uma ideia precisa do que foi a epidemia, que o número de 2.628 doentes verificados no re-

ferido trimestre, ultrapassa o máximo anual registado, desde 1940, ano que superou os
outros e em que foi de 2.624. Residências tratadas com inseticida: 3.315; superfícies e tectos desinsetizados: cerca de 650.000 metros quadrados; DDT consumido: 1.436 quilogramas. Dos 3.834 doentes mencionados, cerca de 70%, foram de terce, benigna (Plasmodium vivax); cerca de 28% da terce, maligna (Plasmodium falciparum); cerca de 2% de ambas as doenças (P. vivax mais P. falciparum). Número de anofelos (A. gambiae) contido numa só casa, pequena habitação de dois compartimentos que por sinal visitamos: 1.917.

Houve bairros suburbanos (Lombo de Tanque e Bela Vista) onde em todas as casas foi apontada a existência de anofelinos e o índice de infecção da população também em certos bairros suburbanos chegou a 61%, sendo o mais afeito o da Bela Vista.

Pode dizer-se que a epidemia ocorreu nos primeiros meses deste ano, pois a partir de fim de Março não se registaram casos novos da doença. No seu combate, a aplicação do DDT desempenhou papel muito importante, tendo-se verificado que nos bairros ou zonas da cidade e em outros sitios do interior, onde se procedeu à desinsetização, a doença teve queda brusca, cerca de 16 dias após o tratamento. O pleno da luta, devemos o ilustre médico, assentou fundamentalmente no combate aos anofelos adultos e no tratamento dos doentes, este último com o objectivo de anular as fontes de infecção. Propostadamente, não se procedeu a nenhuma espécie de luta anti larvar.

Há ainda a acrescentar: foram distribuídos gratuitamente cerca de 47.000 comprimidos diversos, os quais fizeram toda ou quase toda a medicação. Assim, foi a expedição do Instituto de Medicina Tropical que se operou a campanha anti-palúdica, levada a cabo tão proveitosamente e sem outro interesse que não o científico e o do bem público.

No período mais agudo da epidemia (Janver e Fevereiro) teve o Dr. Manuel Meira, conforme o salientou na sua tão elucidativa palestra, a colaboração preziosa do Dr. António Lopes da Silva.

Os números, que o cronista se limitou a transcrever, fazem-nos pensar, agora que passou a ameaça do flagelo, no que este teria sido na verdade, se a epidemia tivesse cumprido o seu curso e a sua devastação. Deles poderemos tirar a prova real: — a saúde e o bem estar da população.

Sãomos agradecer ao Dr. Manuel Meira, pelo esforço e pelo êxito do seu trabalho, em tão boa hora iniciado.

Jorge Barbosa

In Cabo Verde: boletim de propaganda e informação, Praia, A. 4, n.º 47 (1Ag. 1953), pp. 7-8
Crónicas de S. Vicente

Resposta a um amigo

No último número deste Boletim, pondo "Pontos nos is - a proposta de uma crítica, o Dr. João Baptista de Morais, meu pessoal amigo e ilustre médico, crítico, neste sentimento, diga-se de passagem, de tanta gente, entre a qual se incluio, pela sua solidez, pelo seu desinteresse e pelo seu prazer, insinua contra mim por causa de um trecho do que escreveu de propósito de uma palestra, no número 47 também deste mensal.

Não sou escrito, agora eu contrário, mas não fiz eu, resumindo mais facilmente, levar a interpretar a palestra do Dr. Manuel Meira, proferida acerca do combate ao palio, dito o artigo, em missão do Instituto de Medicina Tropical, levou a efeito nesta ilha, com tanto êxito, durante o período de 28 de Novembro de 1912 a 7 de Novembro passado. Antes do mais, reproduzo o passo do meu artigo que despreveu reparo especial e mereceu transcrição do Dr. Baptista de Morais:

"Assim, bem é a experiência do L.M.T. que se apóia na campanha anti-palio, levada a cabo ilustrou dessa proposição a uma outra visão que o cientifico e o do bem público. No período mais agudo da epidemia (Janeiro e Fevereiro) levou o Dr. Manuel Meira, conforme o salientou na sua famosa palestra, a colaboração provas do Dr. Anibal Lopes da Silva.

Que são provedas de informação, mas para que o meu pensamento seja compreendido tal qual eu o reproduzo, achei conveniente por de novo, e de referido passo, agora completo, ainda hoje, o passo que se lhe antecede, sem violar de parágrafo, e que o artigo e os Pontos nos 47 não transcreveram.

"Ela ainda a incrementou. Foram distribuídos gratuitamente cerca de 47.000 computados diariamente, em que foram todos os casos do médico. Assim, foram posteriores, mas que se apoiaram na campanha anti-palio, levada a cabo ilustrada e sem violar daquela visão que o científico e o do bem público. Eu sei isso.

Ora, referindo-me, pelo que eu sou, a campanha anti-palio realizada pelo Missão de L.M.T.; referindo-me aos medicamentos que a mesma distribuiu gratuitamente (era curial acentuar) e ao incremento que tal se faz às expensas dela; referindo-me ainda à colaboração, aliás posta em relevo pelo Dr. Manuel Meira, e que prestou ao Dr. Anibal Lopes da Silva, por toda e se entende, unicamente, circunstância, ao caso da miséria de e da palestra proferida.

Como, pois, se poderia concluir que deixou em impressão de que a única entidade que prestou assistência aos doentes de escloismo foi a Missão de Medicina Tropical, chefiada pelo Dr. Meira com a colaboração do Dr. Lopes da Silveira? Apenas porque não faz a mais pequena referência ao Dr. Meira (S. Vicente)? E porque estes falha de me referir, e a que proposito, se, como crítico, eu não me pego no momento era registar uma palestra e comentar os factos e os números que ela pôs em evidência?

A minha crítica, portanto, de modo nenhum podia elevar o labor desprevenido a conclusões menos verdadeiras. O mobiliário que a produziu, a intenção que tive, e, as palavras que a escrevi, sem eu haverem, sem reticências, estão suficientemente comprovadas.

Em consequência, e ao contrário de que os "Pontos nos 47" fizeram supor, não foi posto por mim em desacordo com a acção que aos S. Vicente ao que concerne a luta contra a propagação do palio. Neste aspecto da sua atividade, como em outros, não se fazem, que restou, movido porque sem atenuação, sem atenuação. Na sua estruturalmente compreendido, sobretudo todos do muito que insistiu e tem feito, com os poucos recursos disponíveis de que a Saúde lhes ao outros sectores da administração dispôs dentro de orçamento da Província, como oficios, o e òtimo, resultante, este longo da serem sobre e provimento.

E para terminar dizia que o Dr. Baptista de Morais, apesar da sua intenção, os de seu esperto esclarecido, da sua prudente e reflexão, que habitualmente antecede e acompanhamos as suas opiniões e as suas palavras, e em consequência, muito gosto, pelos menos ao referir-se ao mim como pessoa capaz de poderá elevar o labor desprevenido a conclusões menos verdadeiras.

Jorge Barbosa
Cabo Verde e o Plano do Fomento

Alegremente vou dizer: segundo informações não oficiais mas que merecem crédito, ainda este ano se iniciam as obras do Porto Grande.

Começou, pode dizer-se, a arrancada para o Plano do Fomento que do noroeste ao sul da metrópole, pelos quatro portos cardiais do ultramar, vai pôr em realização uma série de empreendimentos grandiosos e revolucionários.

Planificadas já nos projectos da engenharia, estimadas já nas cifras orçamentais, preparadas já os homens para as enfrentarem, as obras do Porto Grande e outras, brevemente, darão o seu primeiro passo. Brevemente também toda a comunidade portuguesa terá uma coluna Íntima, na qual cada um terá, directa ou indirectamente o seu quinhão de trabalho e, mais tarde, de regresso, o seu quinhão de benefício.

A melhoria das condições climatéricas de modo a abranger as chuvas nas regiões onde elas são menos; os sistemas de coção de água e de sua utilização posterior em irrigações; a grandeza das distâncias; a montagem de maquinarias com que se possam aproveitar e industrializar o que a terra oferece; a abertura de estradas; o estabelecimento de meios de transportes terrestres e marítimos que atuem com regularidade e eficiência portanto; o preparo do porto; assim, a assistência social, acompanham o hospital, a escola e o campo nos anos de estiagem (se é que possam depois surgir); tudo caberá no Plano do Fomento, e já se encontra material e moral que dá aos portugueses mais felix; garantindo aos posseiros que para tanto se criará e assegurarão assim contra os momentos de infortúnio que o destino possa reservar.

As nossas frutas, por exemplo, tão abundantes e apreciadas, se tiverem estradas que as levem aos portos, se tiverem portos com cais apetrechados por onde embarquem, e transportes assegurados que as conduzam em terra e no mar, se tiverem, a par disso, uma legislação que os defende contra o roubo, antes da época própria e torne para elas obrigatório todo um conjunto de medidas que impossibilite, antes do mais, o seu tratamento e acondicionamento, desde que sejam colhidas até sua receosa para fora da província, assim as frutas do arquipélago terão a probabilidade de ser a nossa riqueza número um.

Além delas, poderia citar outros produtos caboverdianos também com o passado fechado para o exterior e alguns industriais novos que poderiamos ter já semeados sem os levar para o seu desenvolvimento. Aquelas e estas, um futuro não longínquo, terão vida e espalhar as promessas do recente nos já celebrado Planô.

O Porto Grande da S. Vicente, que é a prevenção das mais avassaladas cifras de nosso orçamento, agora por sua vez, assentamento, a materialização do grandioso projecto, porque dentro deste lhe estará destinada uma defesa pecuniária que não será pequena, para realizar o seu sonho de grande porto, no tomacho e no apetrechamento.
Esquecido, há longos décadas, pouco ou nada se faz para colocar à altura da sua posição nas linhas marinhas América do Sul-Europa, posição privilegiada que Deus nos deu e os homens não souberam aproveitar. Esquecido, os portos vizinhos e rivais de Dalcar e Las Palmas, muito mais recentes em actividade, tiveram impulso mais rápido e mais seguro que as faziam passar à nossa frente. E se na verdade não poderemos contar, pelo menos tão todo são poderemos contar, com um movimento de navegação que nos regua em primeiro lugar em relação aos mencionados portos, mesmo assim, com as obras que se propõem realizar, muito e muito lucrará o desenvolvimento do Porto Grande e a economia da província que a ele está tão intimamente ligada. As reforçadas obras, tão prometidas, tão desejadas, desde sempre, representando o benefício maior que nos poderá trazer o Plano do Fomento.

Optimista, apesar de tantos infortúnios; convidante em dias melhores, apesar de tantas desilusões; o caboaverdiano conta, agora mais do que nunca, com o momento em que posa per a sua famosa baía em condições de receber mais navios e de realizar, consequentemente, um maior fornecimento de oleo combustíveis, o que reflectirá no bem estar do Cano Verde inteiro.

Mas é bom notar que a par de tudo se torna aconselhável uma política de atração ao nosso porto principal de outra empresa fornecedora de combustíveis. O número de navios nele entrados, quase o mesmo de ano para ano, levou a supor que interesses ou conveniências lhe provocaram uma cota de navegação. Só por isso tal política justificar-se-ia.

E, como começai, quer terminar, alegremente, dando a boa nova: ainda este ano se iniciam as obras do Porto Grande!

Jorge Barbosa

ILHA DE SANKIO ANTAO

Vista parcial do lado Sul da Vila de Ribeira Grande.

In Cabo Verde: boletim de propaganda e informação, Praia. A. 5, n.º 50 (1 Nov. 1953), pp. 3-4.
Cabo Verde

Ainda a Propósito de Uma Palestra, Notas Sobre a Instrução Primária em Cabo Verde, Transatlântico Santa Maria e Chuvas

Cronicas de S. Vicente

Ainda a propósitos de uma palestra

Como nas histórias publicadas por capitães, faz-se resumo das antecedentes desta crónica:

No Boletim Cabo Verde, n.º 11 de Agosto, noticiou-se a palestra que o Dr. Manuel Meira havia proferido nas instalações na Misericórdia de Medeiros Turfas, com a participação da campanha anti-palúdica levada a cabo nesta ilha pelo referido Instituto, chefiada por aquele médico; em número seguinte, o Dr. João Baptista de Morais oporou um ponto nos n.ºs 12 e 13, onde se assinalava que a mesma coletou, também pelo Dr. Meira, o seguinte número de indivíduos:

Em Janeiro: 1.108 doentes com 13 óbitos
Em Fevereiro: 272 doentes com 8 óbitos
Em Março: 210 doentes com 5 óbitos
Em Abril: 98 doentes sem óbitos
Em Maio: 130 doentes sem óbitos
Total: 1.590 doentes 26 óbitos

II - A parte clínica — tratamento e socorros — a cargo da Delegação de Saúde.

Segue: No sector que lhe coube, a Delegação de Saúde tratou:

a) Na consulta externa:

- Em Janeiro: 1.108 doentes com 13 óbitos
- Em Fevereiro: 272 doentes com 8 óbitos
- Em Março: 210 doentes com 5 óbitos
- Em Abril: 98 doentes sem óbitos
- Em Maio: 130 doentes sem óbitos
Total: 1.590 doentes 26 óbitos

b) Na Hospital foram internados e tratados:

- Em Janeiro: 78 doentes com 1 óbito
- Em Fevereiro: 31 doentes com 1 óbito
- Em Março: 26 doentes com 1 óbito
- Em Abril: 11 doentes com 1 óbito
- Em Maio: 11 doentes com 1 óbito
Total: 161 doentes com 3 óbitos

c) Em medicamentos anti-palúdicos foram dados gratuitamente (e as expensas da Província):

| Comprimidos de paludina | 6.246 |
| Comprimidos de Arianth | 9.300 |
| Comprimidos de quinina | 6.104 |
| Total | 21.650 |

Saias de quinina em pó: 10.230 botes
Ampolas de quinina: 13.900
Esquinha papel de 0/15: 900

E acrescenta o Dr. Soteristas da Costa:

Assim, ao instaurar estes dados ao da M. I. M. T. que vieram publicados na sua e é na revista Cabo Verde, do mês de Agosto, é que se poderá ajudar de como a última campanha anti-palúdica em S. Vicente merece reforço e é de que nossos Serviços de Saúde estão a coordenar e a M. I. M. T. pelos relevantes Serviços que não precisam com a sua voluntária colaboração anti-palúdica — não esquecendo a reconhecida camaradagem, agora mais uma vez patenteada, do Ex.º Sr. Dr. Manuel T. V. da Meira.
Por dever de lealdade povo com os signatários da carta a mim endereçada (a quem agradeço e retribuo os palavras amáveis que nela me são dirigidas) e pela muita consideração que meu merece o Dr. Sócrates da Costa, aqui deixo as transcrições, de harmonia com o que me foi solicitado.

Teixeira agora figue legítimo o incidente jornalístico que de qualquer forma tenha o mérito de despertar o interesse do público.

Notas sobre a instrução primária em Cabo Verde

Bem sei que imitámos em Cabo Verde, senão que seguímos, o propósito do Governo Central de em futuro próximo reduzir a nada, ou a um mínimo inevitável, o índice do analfabetismo na Metrópole.

Há anos atrás, nós aqui nos poderíamos orgulhar de apresentarmos nos gráficos estatísticos uma percentagem de alfabetos que não ficaria em desvantagem se fosse confrontada com outras percentagens de outras parcelas do conjunto português.

* * *

Quem tem reparado no tradicional drama escolar dos filhos da nossa pobreza rural, a mais desamparada de todas? Drama que tem sido dos longos percursos, a caminho das aldeias. Drama heroicamente suportado e superado pelo muito desejo que as crianças das linhas têm de saber ler e escrever.

Ela há de via, por difíceis e penosos quilômetros, rumo à escola. Desgastes, seminhas, mal alimentadas, a cabeça ao leu, o corpo magro, mesmo assim resistentes e ágil, há de via elas, assistindo e cantando.

Caminhos de provação na verdade, os destes meninos! Caminhos estes que chamando à saída, palme e meio de largura, marcadas na terra vive com apreensões de linx, por tantos pais apressados, numa interminável penitência que é o via-rem esforçado das nossas gentes dos campos.

Caminhos de canseiras os dessas crianças! Caminhos contornando encostas íngremes, atapetadas de cascalhos que penetram e formam como pregos, seguindo as cristas dos montes ventosos, atravessando desamparados inespíritos de barrancos abalados em gramus e rescaldecidos pelo calor do sol.

Elas, as um a um a regressam da escola aos casebres. Trazem o estômago vazio. Mesmo assim vêm assistindo e cantando.

* * *

É preciso que acabem com os impostos (chamo-os assim) que a criança cobre-de-se a obriga a pagar durante a tempo da sua instrução primária.

Certidão de idade, pagamentos em dinheiro, passagem de classe, propina do segundo grau, na verdade não chegam a cifras avultadas. Entretanto, o conseguiu pequenas quantias necessárias à satisfação das exigências pecuniais do nosso ensino mais rudimentar, é problema aditivo, de difícil resolução para muitos pais pobres. Estes atravessam a talvez a mais grave época da nossa vida económica, em que o dinheiro vale para a pobreza mais do que o suor — vale o sangue. As portas da emigração fechadas, o desemprego aumentando, tornam bem dura a vida do povo caboverdiano.

Bem sei que os pobres, os que não têm nada-nada podem evitar as despesas a quem me levam com a apresentação de um atestado de pobreza. Assim fazem.

Mas há os outros pobres, os que não podem obter o atestado, só porque passam uma dois quartos de abrigo, de terra batida e teto de palha, ou uma nega de terreno para semeadura. E quantas vezes esses proprietários (a expressão é de um humorismo trágico) se vêm na dolorosa constatação da venda ou penhorar os pequenos utensílios que ainda lhes ficaram, para assim acudirem às embora insignificantes despesas com os estudos primários dos filhos.
Temos de acabar com as dificuldades de ordem material, sejam as mais pequenas, que possam entrar, e entramos mesmo, o desenvolvimento da nossa Instrução Primária. Temos de acabar, simplesmente, com a dualidade, relativamente recente, que pesa sobre ela, quer se trate de alunos pobres, quer de alunos ricos, porque é contribuição que não reforça o erário e vai-lo encontrar a esta lema vinculado à nossa tradição político-administrativa.

Instrução primária gratuita e obrigatória!

Transatlântico «Santa Maria»

O transatlântico Santa Maria, que há já vários meses era aqui aguardado com ansiedade, escaveu o Porto Grande, no dia 15 do corrente, a caminho do Brasil.

Duas indenizações destacadas vinham o bordo, patrocinando assim a viagem inaugural: Sr. Exm. o Ministro da Marinha, almirante Americo Tomás, e o administrador da Companhia Colonial de Navegação, Sr. Bernardino Correia, aquele o férreo impulsionador da renovação que escude a nossa marinha mercante, o deprender não só da sua obra mas também dos elogios que justamente tem merecido de gente que se coloca em todos os matizes políticos, este o incansável obreiro de um dos motores empreendimentos de iniciativa particular em nossos dias.

A presença do Santa Maria, com a impunidade de sua silhueta, o conforto das suas cabineiras, a arte e a beleza das suas decorações, é acontecimento que não pode só calar. O exemplo da Vera Cruz por si só já era um exemplo bem vivo aos nossos olhos. O do novo transatlântico vem porem mais, fora uma vez que esforço único e provedor está sendo já realizado no sentido da expansão da nossa vida e do nosso prestígio através dos cruzamentos do mundo.

Chuvas

As chuvas, apesar de serem escassas nesta ilha, desabaram sobre a cidade do Mindelo, na noite de 23 de Outubro último, numa fúria dínâmica, sem precedentes, mesmo na lembrança dos velhos.

A água correu, impetuosa e selvagem, pelo Ribeira Beta, seu curso secular, e reduziu a nada os obstáculos naturais que se lhe antepunham. Investiu contra as paredes do Estádio da Fontinha, do Grémio Castilho, do Clube Mindelo, e derrubou o numa destruição espectacular. Atravessou de caminho, várias casas pobres da Rua do Coco, Rua Suburbana, Rua da Moeda, e alagou os prédios, deixando alguns a baixo, como se fossem inconsistentes armaduras de um baralho de cartas. Pés em destroços os poucos bens que os moradores possuíam e levou consigo mesas, camas, bancos, roupas, pequenos utensílios, deixando famílias ao desamparo.

Houve duas mortes, para complemento da tragédia. Uma velha, momentos depois de sálvar o afogamento, não pôde resistir ao colapso do coração já cansado da vida. Dias passados, um menino morreu afogado numa poça. Futuro pescador talvez. Futuro marinheiro, o seu destino de naufrago tão cedo foi cumprido...

A cidade, pouco tempo descerrado sobre o acontecimento, retornou a sua fisionomia alegre e optimista. O povo cabo-verdense é todo assim, breve esquece as aguarrás. Não fosse assim, desde sempre, e seríamos um povo sorumbático, sem personalidade, de falsas chorosas e luto constante dentro da alma (mas será que, esse luto, de longe a longe, não faz a partidinha do transparecer, repentinamente, fugazmente, no meio de uma gargalhada, na fugidia nota de uma cantiga, no fundo da alegría mais transbordante?).

Jorge Barbosa

In Cabo Verde: boletim de propaganda e informação, Praia, A. 4, n.º 51 (1 Dez. 1953), pp. 25-27.
Os nossos barquinhas

Crônicas de JORGE BARBOSA

Quando penso no mar — o que de vez ou outra —, quando penso nas suas bruscas, na sua poesia, nas suas
viagens, quando penso no mar, depois logo esses nossos
meninos, voadores, voadores que não param no sol e nem pelas
ilhas, começados um desejo que há anos tem costa e des-
tino lhes impõe.

Eles lá são, cruzando as distâncias marítimas do
arquipélago, os voais remendados e enfetuados, o dorso
recamado, ora ladeando outra ao onde escapulidas, ora
tocando a força das correntes e as vossas contrárias. Ou
então, lá estão, despedidos, dias a dias, nas vias do mar,
prazimente, silenciosos de longas e mergulhantes calimerias.

Peyuas e pirotas, mais decididos e volantes, os nos-
sos barquinhas que não descanham. A demora nos portu-
ais tem que ser curta porque as ilhas estão sempre espe-
rando por eles para lhes levar ou buscar as mercan-
dorias.

Os nossos barquinhas não param. Há passeigas
esperando.

Os seus marinheiros, sempre confiantes em Deus, são
os meus optimistas dos trilhados. Porquê, conselhos. Po-
rquivos, conselhos disse cada vadio que leu sobre a inten-
dade océana, poder-se (tem este a pena dizer. Quanto
pobrem) — nada os desanimou. Foces queimadas pelo
Sol, endurecidas pelo fujão de ventos, divas-se que
rousadas pelo solitário corpo épico e proíbo para as ma-
nobras — os marinheiros dos nossos barquinhas são os
melhores do mundo! São os heróis antigos da nossa
terra!

E esses nossos barquinhos têm longa história para con-
tar. Alguém dia alguém a escreverá.

(Urbeis urbe n.º 10 — Edição de 7-8-1955)

Uma antologia, ou talvez não

Crônicas de JORGE BARBOSA

De vez em quando falo-se na necessidade, senão na
economia, de se publicar uma antologia de nossa poesia,
o, pelo menos, dos nossos poetas, e que, na verdade,
és algo diferente.

Desde Eugênia, José Lopez, e Janário Leão, os po-
etas que surgiram com a revista Claridade ou depois dela, há,
autonomia, material com possibilidades de trazer
uma expressiva seleção de poesia.
Se não nas faltas, pois, material, não nas faltas também quem passou a qualidade para ser o seu selecionador e para exercer o ensaio da apresentação que, forçosamente, haveria de acompanhar nossa nossa antologia de poesia. Lembrar os nomes de Juanes da Pupéria, o quem, aliás, o assunto não deixa de merecer atenção, e de Baúlasse Lopes.

Se se pretendeu uma antologia geral, digamos assim, isto é, abrangendo todos os poetas criadores das três gerações de poeta, e que de ser dividida em dois capítulos, queremos dizer, o que se refere aos poetas que estão ao início e o que se refere aos que apareceram depois da Claridade. Repito o argumento Claridade porque ela é um marco ao meio de duas épocas, o ponto separatório de dois cíclides de poesia.

Se, ao contrário, se pretendeu uma antologia apenas dos nossos poetas modernos, por ser a sua poesia a mais viva e a mais significativa, a com mais audácia, portanto, teríamos ainda, mesmo assim, que separar em duas partes a projectada (sionamente projectada) antologia. Do um lado a poesia propriamente embreno. Do outro, a poesia sem ponto de partida local, respeitando-se essenciais, dentro da sua estrutura que devemos de agrupamento, as suas características e tendências que possam diferenciar uns dos outros.

 Não sabêmos se o antologando teria ou não dificuldades em sua tarefa. Se dificuldades existem, o principal seria a de conciliar os nossos poetas modernos, os que voluntariamente se retiraram ao silêncio, a despeito das exortações dos poetas. Mas consegui-se alguns de prestígio que sentíamos a responsabilidade de formar a antologia. Iniciamos um Baúlasse Lopes ou um Juanes de Figueredo, ou um dois conjuntamente. Assim, talvez, conseguíamos o renascimento dos nossos quais desconhecidas poetas, como o qualificado Arnaldo de Vassalicos Fraga, por exemplo, e como outros, cujos nomes não queremos citar para não espacer alguns.

Mas uma antologia de poetas de Cabo Verde traz logo o problema pernicioso da edição, que teria de ser resolvido pela Propaganda da Prensa. Como sucedendo em outras terras, cabe aos departamentos oficiais que têm ou ao seu cuidado a expansão da cultura, a iniciativa de um projecto no gênero deste que estamos defendendo.

Uma antologia, guias teores rectos estes expresso, de poetas criadores de, seria a nossa melhor propaganda, porque seria a divulgação do melhor que possuímos.

Seria também fazer a propaganda da própria cultura lisboeta.

[Revisão no com. n.º 12 — Estrutura da 11-8-1956]

M. de D. — A Propaganda já teve, por mais de uma vez, atividade em torno da antologia de antologias preconizada.

[Outro, não identificado — mente a mesma edição. Jorge Barreiros, mesmo ao trazer colaborador e traduzer Antigo, lê o poema...]

Cabo Verde: boletim de propaganda e informação, Praia, A. 7, n.º 76 (1 Jan. 1956), pp. 31-32.
ANEXO III: POEMAS

Doc. 1. A Ilusão

A Ilusão.
(Para o amigo João Luís de Carvalho)

¿Que bom de bom a vida da Madeira?
¿O que no impulso e no alento,
Sobre nós mais infinidas formas
Que escreve em toda a parte sua arteira?

¿Que sentimos nós, quando, em duas jéria,
Viste a pensas na sua alma, sombria,
Num anjo que a bela grúa estante,
Notar alma perdida em tonho, aíás?

¿O que an oiro fac nácer, vivi o amar,
A chafejar no peito com fulgor,
Bem jéria e espirrar no coração?

¿Em redor que fulgura, e no Norte
Da nossa vida, ali chegou a Mar? 
¿O que és, pois não sabes? - E a Ilusão!

J. Amante, 27 de Abril de 1922.
Con seu apreço, abraço de

[Signature]

[Note: In Island: temas culturais das sociedades insulares atlânticas, Funchal, N.º 11 (Jul.-Dez. 1992), p. 79.]
Crioula

Seu misteriosa atuação
Trás-o-teu-outher!
Bo-teu-meu-adoração
Bons céus, bem amar!

As suas graças e a sua sabedoria
Dos estes novos de luz,
Quando a suave ação
Espera, em teu coração.

Bojo que de seu baixaste,
Abraço e orações, em teu per

Tamanha felicidade
Bojo que nã-te-vei de Heino.

Da nossa fonte o Seu
E a canção de adoração.

A indilo

S-X-24

Jorge da Deux, 1924?
Doc. 3. Carta Escrita Em Verso

Meu caro João Lopes

De San Nicolau quando vens,
Ó filósofo D. João?
Já me faz imensa falta
A tua conversação!

Tu por aí, que tens feito?
Conquista ou literatura?
Talvez uma cousa e outra...
E dos «dollars» a captura...

Dizem que está verdejante
A tua ilha natal:
Por isso tens visitado
Cada monte e cada val.

Parece-me estar-te vendo
(As narinas resfolgando,
Um marmelo à mão prendendo)
Pelos campos caminhando:
As longas pernas mexendo
Numa cadência turística
Como a figura humorista
De certa caricatura
Dum exaltado alpinista
Que há dias vi, em gravura
Duma londrina revista...

Novidades: Já a peste
Findou.
Ao doutor Regala
Houve manifestação,
Por conseguir acabá-la

Muita gente americana
Vinda de York e Boston Mess,
Não te conto que fartura
Não há de «all right e yes»

Andam à busca dos «dollars»
Capitalistas da terra.
Mas um dia esgotarão
Tudo quanto o cofre encerra!

Espera-se mais semanas
Um duelo teatral
Que virá representar
Em nosso Eden magistral.

Cumprimentos para o Mota
E pergunta-lhe se agora
Estará a reviver,
Com-Ela, o Afecto de outrora...

Maçador, dirás talvez...
Por isso vou terminar
Mas depois das boas festas
Do coração desejá.

S. Vicente, 6-12-1922.
Jorge Barbosa¹

¹Idem, pp. 80-81. (É de salientar que não tivemos acesso de forma clara a todos os poemas).
Doc. 4. Cantares Crioulos

(Para o ilustre amigo e Sr. Roque Gonçalves)

Oh! jovens crioulas
Além do sertão,
Cantai como as rolas
O meu coração.

Crioulas cantai
Alegre canção!
Moças embalai
O meu coração!
Deixai as tristuras
Lindas raparigas.
Na vida há torturas
Mas sabeis cantigas...

Moreninhas lindas
Desta minha terra,
Que graças infinitas
Vosso corpo encerra!
Que sorriso brando,
Que expressão tão suave!
Meu coração, voando,
Vai p'ra vós, qual ave...

Há no Céu estrelas...
Mas em vosso olhar
Luzes há mais belas
Que parecem luar...
Há no céu candura...
No vosso perfil
A branda frescura
das manhãs de Abril...

Lindas Musas minhas,
Cocirando a verbena,
Sois mais moreninhas
Do que a Madalena!
Sede qual jasmim,
Sede imaculadas!
Como um bandolim
Gemendo baladas!

Desconfiai do amor
Dos meus companheiros...

É falso o ardor
Desconfiai do amor
Dos meus companheiros...
É falso o ardor
Dos moços matreiros...
Desconfiai das juras
De paixões ardentes,
Se quereis venturas
E viver contentes...

Crioulas cantai
Alegre canção!
Moças embalai
O meu coração!...

S. Vicente, 12-6-1923.
Jorge Barbosa²

²Ibid., pp. 79-80.
Doc. 5. Carta a João Lopes

Meu caro Filósofo Lopes
Minha saúde vai bem.
Contudo, quanto ao amor
Conheces já minhas máguas
E o mal que em mim causa a dor.

Nenhuma Esperança ainda:
– Um sorriso que anime,
Um olhar profundo e meigo
Que afaste a dor que me oprime!

Todas as tardes, à hora
Em que o Sol vai na agonía,
Ao vê-la à janela, assalta-me
Uma ansiedade doentia.

Ai! Porque ao passar por Ela
– O peito a bater sem fim –
Ela nem sequer repara,
Nem sequer repara em mim!...

E por isso, amigo, vê
Qual o estado da minha alma.
Vivo sem prazer, sem risos,
E meu peito não tem calma!

Ponta do Sol (ilha de Santo Antão),
30-3-1924. Uma saudade afectuosa
do amigo Jorge Barbosa. 3

3Idem, pp. 80.
Doc. 6. Canção a Um Desconhecido

Ao querido amigo João Lopes, a quem apesar de usar óculos redondos, esta canção se não refere.

Antes não era ...

Porque era
Apenas
O que hoje não é ...
E hoje é tudo,
Até
Aquilo
Com que não sonhou
Nem ser
Nem parecer.

A vida chegou-lhe
Na aza da sorte
De repente,
Um dia,
Ressuscitando-o
Da morte
De não ser...

E anda agora
Por toda a parte,
Afeto
Alegremente
A vida que se reparte
Desigualmente
Por todos ...

E anda mais gordo
E a algibeira já não lhe tem
Razão de existir ...
O estômago
Reconfortado bem,
Tão bem
Que adquiriu direitos
Que não teve jamais:
- A dispépsias
e a águas minerais...

Antes não era...
Era
O que hoje não é ...
E hoje é tudo

Neste chamado entuado
Em que usa por dominó
Óculos redondos
E para o resto do disfarce
Um nó
De gravata bem dado
E o fato bem talhado...

Com muita estima do Jorge Barbosa
Sal, 16-1-32

—

Antes não era...
E anda agora
Por toda a parte
Afeto
Alegremente
A vida que se reparte
Desigualmente
Por todos...

E anda mais gordo
E a algibeira já não lhe terr
Razão de existir...
O estômago
Reconfortado bem,
Tão bem
Que adquiriu direitos
Que não teve jamais:
- A dispépsias
e a águas minerais...

4Idem, pp. 81. (Tivemos acesso a segunda versão deste poema através de Solange Barbosa, filha mais nova do autor. Esta versão apresenta ligeiras alterações).